

Abordagem do Léxico Toponímico Municipal do Cuito da
Província do Bié: Caso de Bairros, Comunas, Embalas e Aldeias

Martins Kamulengo Siluqui Laurindo

Dissertação
de Mestrado em Terminologia e Gestão de Informação de
Especialidade

Janeiro, 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestrado em Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade, realizada sob a orientação científica de

Prof. Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

À minha esposa Odete Cassova Etande Laurindo,

com elevada consideração e admiração;

Aos meus pais Laurindo Martins e Fentina Siluqui;

Aos meus filhos Florentina Laurindo e Eduardo Laurindo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria e conservador da vida;

À Professora orientadora Doutora Teresa Lino, pela dedicação, paciência, sabedoria, generosidade e amor com que acompanhou este trabalho;

Aos docentes do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, especificamente os docentes do Mestrado de Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade, pela forma sábia com que dirigiram este curso;

Agradeço a comissão multiministerial de Angola e sobre tudo a Dra. Paula Henriques pelo incentivo e seus conselhos que jamais serão esquecidos.

Agradeço a todos familiares e colegas de Mestrado de Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade, que directa e indirectamente ajudaram-me a caminhar até a data presente, e principalmente por serem óptimos companheiros.

A todos, a minha gratidão.

RESUMO

Este estudo, sob o tema “*Abordagem do Léxico Toponímico Municipal do Cuito da Província do Bié: Caso de Bairros, Comunas, Embalas e Aldeias*”, teve os seguintes objectivos: identificar e inventariar os topónimos do município do Cuito e harmonizar a sua ortografia; analisar os topónimos que apresentam variações e mudanças ortográficas, e propor a sua harmonização ortográfica, assim como os gentílicos; descrever a origem etimológica, a formação lexical, a pronúncia/transcrição fonética e a motivação dos topónimos. A metodologia de trabalho foi baseada na pesquisa bibliográfica e de campo, que foi concretizada através de entrevista aos regedores, aos sobas e aos anciãos, bem como através de conversas informais. Portanto, o objectivo principal foi propor a harmonização ortográfica e criar uma base de dados de topónimos do município do Cuito.

Palavras-chaves: Toponímia, município do Cuito, léxico toponímico, variação gráfica, harmonização ortográfica, base de dados.

ABSTRACT

This study, with the subject “*Approach of the Municipal Toponymic Lexicon of Cuito in the Province of Bié: Case of Neighbourhoods, Communes, Farmsteads and Villages*”, it has the following purposes: identify and inventory the place name of the Cuito municipality and harmonize their orthography; analyse the place names that have orthographical variations or changes, and propose their orthographic harmonization, as well as the gentilics; describe the etymological origin, lexical formation, pronunciation/phonetic transcription and the motivation of toponymies. The methodology was based on bibliographic research and fieldwork, which was completed by interviews with aldermen, the traditional authorities and elders, as well as through informal conversations. Therefore, the main objective was to propose the orthographic harmonization and create a database of place names in Cuito municipality.

Keywords: Toponymy, Cuito municipality, toponymic lexicon, graphic variation, orthographic harmonization, database.

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora,

Lisboa, de de

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

Abstract

INTRODUÇÃO -----	1
CAPÍTULO I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA -----	4
1.1. Histórico da Toponímia -----	4
1.2. Conceito da Toponímia -----	7
1.3. Origem Motivacional dos Topónimos -----	8
1.4. A Importância dos Topónimos -----	10
1.5. As taxionomias toponímicas -----	12
1.6. A Importância da Lexicologia no Estudo da Toponímia -----	16
1.6.1. Conceito de Lexicologia e Léxico-----	16
1.6.2. A Lexicologia no Estudo da Toponímia -----	19
1.7. Interferência do Português no Léxico Toponímico de Origem Umbundu do Município do Cuito -----	20
CAPÍTULO II- CARACTERIZAÇÃO GEOLINGUÍSTICA DA PROVÍNCIA DO BIÉ E DO MUNICÍPIO DO CUITO -----	23
2.1. Situação Geográfica da Província do Bié -----	23
2.2. Cuito: Dados Geolinguísticos e Históricos -----	26
2.2.1. Situação Linguística -----	28
2.3. As Línguas Bantu -----	28
2.3.1. Alguns Dados Preliminares -----	28
2.3.2. Classificação das Línguas Bantu -----	29
2.3.2.1. A Língua Umbundu na classificação das Línguas Bantu -----	31
2.3.2.2. Características Gerais da Língua Umbundu -----	33
2.3.2.3. O Alfabeto da Língua Umbundu -----	35
2.3.2.2.1. Aspectos Fonológicos das Vogais e Consoantes da Língua Umbundu -----	36
2.3.2.2.1.1. Aspectos Fonológico das Vogais -----	36
2.3.2.2.1.2. Aspectos Fonológicos das Consoantes em Umbundu -----	37
2.4. Prefixos da Língua Umbundu -----	37

2.4.1. Descrição do Valor Semântico e o Valor Numérico dos Prefixos da Língua Umbundu -	
-----	38
2.4.1.1. Descrição do Valor Semântico dos Prefixos da Língua Umbundu -----	38
2.4.2.2. Valor Numérico dos Prefixos da Língua Umbundu -----	43
2.5. Derivativos Substantivais -----	43
2.5.1. Derivação Prefixal por Substituição -----	43
2.5.2. Derivação Prefixal por Adição -----	44
CAPÍTULO III- METODOLOGIA DO TRABALHO -----	45
3.1. Constituição do Corpus -----	45
3.1.1. Materiais e Métodos de Recolha de Dados -----	46
3.1.2. Análise e Tratamento dos Dados -----	46
3.1.2.1. Classificação dos Topónimos -----	47
3.2. Descrição Histórica/Linguística de Alguns Topónimos do Município do Cuito -----	52
3.3. Fundamentação Teórica da Proposta de Harmonização Ortográfica dos Topónimos --	56
3.3.1. Aspectos Práticos da Proposta de Harmonização Ortográfica dos Topónimos -----	58
3.4. Fichas Lexicográficas de Alguns Topónimos Recolhidos -----	59
3.4.1. Base de Dados de Toponímia do Município do Cuito -----	63
3.5. Recomendações -----	64
CONCLUSÃO -----	65
REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS -----	66
ANEXOS -----	72

ABREVIATURAS

adv. – Advérbio

Ø – Zero

cl. – Classe

L.K Língua Kimbundu

L.P – Língua Portuguesa

L.U – Língua Umbundu

N/E – Não encontrada

Ps₁– Prefixo substantival um

Ps₂– Prefixo substantival dois

Rd – Radical

s.f. – Substantivo feminino

s.m. – Substantivo masculino

v. tr e intr. – Verbo transitivo e intransitivo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge no quadro do desenvolvimento das actividades com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, sob coordenação do Ministério da Educação de Angola, visto que, está prevista a materialização de projectos, de entre os quais o *Vocabulário Ortográfico Nacional – VON e a Terminologia sobre a Administração Pública*.

Nestes projectos prevêm vários domínios da vida nacional no qual se integra a Toponímia de Angola e os respectivos gentílicos.

Para o efeito, este trabalho enquadra-se no estudo da toponímia e os respectivos gentílicos, assunto este que tem suscitado debates públicos e alguns casos teses de trabalhos académicos, para o resgate da cidadania na valorização da toponímia em todos quadrantes geográficos da sociedade, libertação da consciência humana do desconhecimento da Toponímia no caso dos populares do município do Cuito e a criação de condições para a divulgação e publicidade de existência da toponímia.

Apresentaremos as linhas orientadoras que balizam a realização deste trabalho e que nos conduzem num caminho metodológico que procura ajudar a compreender o estudo do tema “*Abordagem do Léxico Toponímico Municipal do Cuito da Província do Bié: Caso de Bairros, Comunas, Embalas e Aldeias*”.

Para a investigação que nos propomos, temos os seguintes objectivos: identificar os topónimos do município do Cuito e harmonizar a sua ortografia, tendo em conta informação etimológica, semântica e motivacional; inventariar os topónimos do município do Cuito; analisar os topónimos que apresentam variações e mudanças gráficas; propor a harmonização ortográfica dos respectivos topónimos, com a ortografia vigente na Língua Portuguesa, e de acordo com a ortografia das Línguas Bantu; uniformizar a escrita de todos os grafemas idênticos que se verificam nas Línguas Bantu, por forma a evitar a diversidade, diferenciação e heterogeneidade gráfica; descrever a origem etimológica, a formação lexical, a pronúncia/transcrição fonética e a motivação desses designativos; criar uma base de dados, pois, a sua eficiência está intrinsecamente ligada com o êxito de um usuário como a população em geral, a comunidade estudantil para localizar as informações desejadas.

O presente trabalho visa contribuir para a sociedade académica e a população em geral de um assunto tão pertinente e actual do léxico toponímico do Município do Cuito, local este, que foi o campo de pesquisa para obtenção de dados.

Assim, urge trabalhar no tema supracitado, cuja escolha nasceu de uma necessidade sentida pelo Estado Angolano, que considera que “a divisão político administrativo do território de Angola mantém uma grafia de nomes de Províncias, Municípios, Comunas e

povoações, que nem sempre interpreta e reproduz correctamente o verdadeiro significado, bem como os aspectos culturais e etnolinguísticos específicos de cada uma das regiões do País”¹. Partindo desse pressuposto daremos o nosso humilde contributo no tema em questão.

Uma vez apresentado os objectivos supracitados, este trabalho estruturou-se em três capítulos:

No primeiro capítulo, intitulado *Fundamentação Teórica* discutem-se os pressupostos teóricos que sustentam a pesquisa; faz-se a abordagem sobre o histórico da toponímia, o conceito da toponímia, a origem motivacional dos topónimos, a importância dos topónimos, as taxinomias toponímicas, a importância da Lexicologia no estudo da Toponímia, o conceito de Lexicologia, léxico e a importância da Lexicologia no estudo da Toponímia e a interferência do Português no léxico toponímico de origem Umbundu do município do Cuito.

O segundo capítulo, que tem por objecto a *Caracterização Geolinguística da Província do Bié e do Município do Cuito* apresenta a situação geográfica da Província do Bié, o Cuito: dados geográficos e históricos, a situação linguística, as Línguas Bantu, alguns dados preliminares, a classificação das Línguas Bantu, a Língua Umbundu na classificação das Línguas Bantu, as características gerais da língua Umbundu, o alfabeto da língua Umbundu, os aspectos fonológicos das vogais e consoantes, os aspectos fonológicos das vogais, os aspectos fonológicos das consoantes, os prefixos da Língua Umbundu, a descrição do valor semântico e o valor numérico dos prefixos da língua Umbundu, a descrição do valor semântico dos prefixos Língua Umbundu, a descrição numérica dos prefixos da Língua Umbundu, os derivativos substantivais, a derivação prefixal por substituição, e a derivação prefixal por adição.

Por fim, no terceiro capítulo, *Metodologia do Trabalho*, descrevemos sobre a constituição do corpus, os materiais e métodos de recolha de dados, análise e tratamento dos dados, a classificação dos topónimos, a descrição histórica/linguística de alguns topónimos do município do Cuito, a fundamentação teórica da proposta de harmonização ortográfica dos topónimos, os aspectos práticos da proposta de harmonização ortográfica dos topónimos, as fichas lexicográficas de alguns topónimos recolhidos, a base de dados e as recomendações.

¹ cf. República de Angola, Despacho presidencial nº 13/03

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Histórico da Toponímia

Uma das actividades privilegiadas do homem é o acto de nomeação do espaço em que ele vive e até aqueles espaços que ele não vive. Na verdade, um topónimo é um indicador muito forte e de grande interesse linguístico para a comunidade, tendo em conta o valor que ele tem.

O livro sagrado dos cristãos reflecte uma colectânea singulares de nomes, topónimos, antropónimos dos mais antigos noticiados, segundo a cosmovisão dos primitivos hebreus (Dick, 1987, p. 96).

Nos versículos iniciais de Géneses, por exemplo, existem acidentes geográficos, nomes de rios, os primeiros conhecidos, com as suas nascentes no jardim que se chamou Éden - do hebraico “delícia, lugar de delícias”, situado no Oriente, rios estes designados de *Pisom*, *Giom*, *Tigre e Eufrates*, o terceiro “corre pelo oriente da Assíria”, diz a Bíblia (Géneses, capítulo 2, versículos 10 a 14) os dois primeiros circundando, respectivamente, “as terras de Havilá e de Cuxe”, que corporificam lexemas antroponímicos e toponímicos. Portanto, nos tempos históricos, sabe-se que os lugares tomavam os nomes dos seus possuidores, numa valorização do indivíduo sobre a terra e o solo.

A história da toponímia é marcada nos vários países e pelo contributo de vários especialistas investigadores.

Maria Vicentina do Amaral Dick (1987, p. 93) no seu artigo intitulado “*Toponímia e Cultura*” explica que a toponímia corpo disciplinar sistematizado ocorreu na Europa, mais particularmente em França, por volta de 1878, quando Auguste Longmon introduziu os seus estudos, com carácter regular, na École Pratique des Hautes Études e no Colégio de França. Do curso então ministrado, os seus alunos publicaram, postumamente, após 1912, a obra que se chamou *Les noms de lieu de la France*, considerando-se clássica para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados.

Mais tarde, 1922, Albert Dauzat retomou os estudos onomásticos interrompidos com a morte de Longmon em uma de suas conferências, na mesma École Pratique, fundando, uma década depois, a *Revue des Études Anciennes*, onde fez publicar uma “Chronique de Toponymie”; eram estudos publicados por historiadores, geógrafos e linguistas europeus que incluíam, em seus ensaios, pesquisas sobre nomes antigos de lugares.

Foi Dauzat que realizou, em 1938, o *I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia*, com a participação de vinte e um países, cujas resoluções foram as seguintes: realização de Congressos Internacionais periódicos de Toponímia e Antroponímia,

organização de uma Sociedade Internacional de Toponímia e Antroponímia, criação de departamentos oficiais para a elaboração de glossários de nomenclatura geográfica, nos países que não o possuíam a sistematização de pesquisa. Ora, estes primeiros estudos despertaram o interesse e a dedicação de pesquisadores em vários países e em várias áreas do conhecimento humano, como a Geografia, História, Lexicologia, Lexicografia, Antropologia Cartografia, dentre outros (cf. Silva, 2011, p. 46).

Nos Estados Unidos e Canadá pontificam como expoentes dos estudos toponímicos actuais, através da actuação de diversos estudiosos e de órgãos especializados, como a revista *Names*, publicação oficial da American Name Society, fundada em Dutoit em 1951, que tem como objectivos o estudo da etimologia, origem e aplicação das categorias do nome: geográfico, pessoas, científico, comercial e popular, e a divulgação desses resultados, assim como, consciencializar o povo americano do interesse e da importância dos nomes em todos os campos do saber humano e em todas as disciplinas ministradas nas escolas e colégios (cf. Dick, 1987, p. 94).

No Canadá, desde 1966, existe um grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica, associado ao Departamento de Geografia da Universidade Laval, Québec, mas aberto a todos os pesquisadores, de todas as disciplinas, notadamente a Linguística, a História e a Antropologia. Henri Dorion e Louis Hamelin em 1966, em um artigo, sugeriram a substituição terminológica Toponímia por Coronímia, mais abrangente, segundo eles, por agrupar uma gama mais extensa de fenómenos e um campo mais amplo de pesquisas, como a análise de diferentes partes do espaço terrestre, extraterrestre e submarinos, além dos nomes de estabelecimentos comerciais e de ensino e de edifícios residenciais. Proposta esta sugerida pela *II Conferência das Nações Unidas para a Normalização e Padronização dos Nomes Geográficos* em 1972 (cf. Dick, 1987, p. 94).

Em Portugal, destacou-se o trabalho do filólogo José Leite de Vasconcellos, particularmente o seu livro *Opúsculos – Vol. III: Onomatologia*, publicado em 1931, obra pioneira que apresenta considerável pesquisa sobre a onomástica portuguesa. Nesta obra, o autor define a Toponímia como:

“estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, (...) rios, montes, etc”
(Vasconcelos, 1931, p. 03).

José Leite de Vasconcellos é responsável pela divisão dos estudos toponímicos em três áreas nomeadamente nomes de lugares, classificados por línguas; modos de formação toponímica, categoria de nomes segundo as causas que lhes deram origem. No primeiro grupo, os topónimos são classificados a partir de sua procedência linguística: *pré-romanos*, *romanos*, *germânicos*, *arábicos*, *de procedência vária*, e *portugueses propriamente ditos* (cf.

Vasconcelos, 1931, p. 139 - 147). No segundo grupo, também denominado gramática toponímica, classifica os nomes de lugar nomeadamente por perda fonética de “de”, fonética sintáctica, elipse de um substantivo, presença ou omissão do artigo, junção de “de”, adjetivos que denotam epítetos, advérbios ou locuções adverbiais, genitivos medievais, emprego de nominativos, nomes no plural, compostos e etimologia popular (cf. Vasconcelos, 1931, p. 148).

No último grupo, verifica-se uma tentativa de apresentar os topónimos por campos semânticos. Os nomes são subdivididos por proveniência, isto é, *da hidrografia, construções hidráulicas, etc., da agricultura, da meteorologia, da caça, de caminhos, de campos, da natureza do solo, da configuração do terreno, de rochas, da fauna, da flora, de construção civil e religiosas, da história, da indústria, de instituições sociais, do lume, da milícia, de nomes próprio de pessoas e alcunhas, de povoações ou arredores, da religião e congêneres e cemitérios* (cf. Vasconcelos, 1931, p. 149-151).

No Brasil destacam-se, dentre outros, os seguintes especialistas em estudos toponímicos: Armando Levy Cardoso, Theodoro Sampaio, Carlos Drumond e Maria Vicentina do Amaral Dick, sendo que esta última nos mostra em profundidade como o homem brasileiro nomeou os seus acidentes físicos e humanos (cf. Silva, 2011, p. 48).

A participação de especialistas no Brasil, em estudos toponímicos foi levantada por Levy Cardoso, pondo em evidência o carácter praticamente histórico das publicações, de preferência voltados para a Lexicologia indígena, ele próprio um especialista nos topónimos brasílicos da Amazónia, notadamente os de origem Caribe e Aruaque. Deixa claro, porém, que um plano sistematizado, que abranja, em seu estudo, as diversas zonas desse território, ainda não foi tentado realmente no Brasil, o que só seria possível, mediante auxílio e colaboração oficiais, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Dando sequência dos estudos toponímicos, Carlos Drumond destacou-se na *Contribuição do Bororo à Toponímia*: a posição da Toponímia no Brasil, tradicionalmente incorporando realizações assistemáticas, mas a título de curiosidade, sem métodos apropriados, visando, em sua grande maioria, pôr em destaque a ocorrência dos nomes de origem tupi, para concluir que, em face destas evidências, na verdade não possuímos ainda toponimistas (cf. Dick, 1987, p. 45).

A Toponímia de Angola, de um modo geral, interessa-se pelas línguas da terra (Línguas Bantu), especialmente o Umbundu, com a convivência da Língua Portuguesa, e as duas línguas vizinhas, o Ngangela e o Cokwe na região do município do Cuito.

Os estudos da Toponímia de Angola começaram com Carlos Estermann em 1983, na sua obra *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro de) Colectânea de Artigos dispersos*

Volume II, onde aborda assuntos relacionados com o significado de alguns apelidos Bantu dados a localidades do Sul de Angola. Estermann diz que “não é tarefa fácil acertar em todos os casos”. Com efeito a etimologia do Bantu assenta por enquanto em bases ainda muito discutíveis, podendo-se afirmar, sem exagero que é um terreno cheio de armadilhas. Por exemplo um grande especialista em linguística Bantu interpretava a palavra angolana *eliapu*, como se fosse da mais pura estirpe africana. Ora, quem for entendido, por pouco que seja, nas transformações fonéticas sofridas por termos europeus introduzidos no falar dos nativos, não terá dificuldade em descobrir no dito vocábulo a palavra genuinamente portuguesa: diabo. Desde já, Estermann só apresentou significados de topónimos que podem ser garantidos, não com certeza absoluta para todos os casos, mas com o máximo de responsabilidade (cf. Estermann, 1983, p. 317).

Seguidamente o autor delimitou a área de actuação nomeadamente os topónimos do Sul de Angola, isto é, Huíla, Gambos, Quilengues, etc., e apresentou os seus significados.

Agrupou a Toponímia de Angola nos seguintes grupos: i) o reino vegetal, ii) o reino animal, iii) o reino mineral ou seja também de acidentes de terreno ou de particularidades de paisagens e iv) reminiscências de tradições locais (cf. Estermann, 1983, p. 318).

Numerosos topónimos devem a sua origem a plantas. Tanto pode ter sido a abundância de uma espécie botânica num sítio, como a sua raridade no meio de outras que levou os primeiros ocupantes a identificar o nome de uma terra com o de uma árvore, arbusto ou erva. Exemplo: *Quipungo de epungu* “milho” terra de milho, *Hoque – ohoke ou osoke* é uma *gramínea*.

Nos topónimos de origem animal temos como exemplo: *Nanguluve* de *onguluve* “javali”, Nambambe de *ombambi*, pequeno antílope conhecido por toda a gente; *Oholongo*, o belo antílope, denominado também *cudo*.

Os nomes pertencentes à terceira categoria já são mais raros; alguns exemplos: *Munhino* de *omunyino*, a garganta. Para este termo toponímico é curioso notar a concordância da expressão metafórica em língua Bantu e em Português: uma brecha aberta numa serra compacta lembra o órgão do corpo humano. *Mupa* ou *Pupa* designa em toda parte um lugar situado perto de uma cascata ou de uns rápidos dum rio. Os topónimos relacionados com factos históricos, segundo o autor são poucos. Exemplo: *Kwanyama – ovakwanyama* significa os da carne, designação esta que, segundo uma lenda, se deve ligar a um facto histórico relacionado com a origem da tribo (cf. Estermann, 1983, p. 318-19).

1.2. Conceito da Toponímia

A Toponímia é uma disciplina integrada na ciência Linguística e ocupa-se da origem e do significado dos nomes de lugares. É um dos ramos da Onomástica ou Onomatologia² – ciência dos nomes próprios – cujo outro ramo, a Antroponímia, se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas (cf. Maeda, 2006 p. 34).

Na mesma perspectiva, o dicionário electrónico Houaiss³, define a Toponímia como o estudo linguístico e histórico da origem dos nomes de lugar.

A enciclopédia Verbo Luso-Brasileiro de Cultura explica que é uma palavra de origem grega *topos* “lugar” + *onoma* “nome”, isto é, estudo de nomes de lugares. É o domínio da Onomástica, tal como a antroponímia – estudo de nomes de pessoas e a polionímia – designação proposta por Leite Vasconcelos para englobar todos os outros nomes que não cabem nas duas primeiras secções como os nomes de animais, astros, barcos, ventos etc.

Zamariano apresenta a seguinte definição:

“Tradicionalmente define-se a Toponímia como sendo formado pelas palavras gregas “topos” (lugar) e “onyma” (nome). Todavia, o nome possui função de identificação, isto é, tudo o que existe tem uma nomenclatura, terminologia, sistemas de palavras, qualidade para determinar factos, fenómenos ou objectivos, com o intuito de determinar sem real significado e suas relações com o universo conhecido” (2006, p. 32).

Já Vasconcellos (1931, p. 3) define Toponímia como o estudo de nomes de sítios, povoações, nações, rios, montes, vales, etc.

Também, Salazar-Quijada (1985, p. 18 apud Sousa, 2013, p. 295) apresenta o seguinte conceito:

“[A toponímia é] aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socioeconómicos e antro-po-lingüísticos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista”.

Complementando os conceitos apresentados, Fernando Bello Garmelo apresenta uma definição mais abrangente:

“La Toponimia es la ciencia que estudia las nombres de lugar de un área geográfica determinada, su origen y la relación con la lengua hablada actualmente en esa área o con lengua ya desaparecidas. Un objetivo

² cf. José Leite Vasconcelos 1931, chama de Onomatologia o ramo da Glotologia que estuda os nomes próprios, e subdivide-a por três partes: a Antroponímia, Toponímia e Vários nomes próprio.

³ cf. <http://www.dicio.com.br/toponímia/>

complementario es determiar las diferentes capas de poblamiento de un país, através de los restos que han ido quedando en los nombres de lugar” (Garmelo, 2001, p. 17 apud Ferreira, 2013, p. 43).

Assim, definimos a Toponímia como um património de uma sociedade que pode sofrer mudanças, transformações e influências de vária ordem, como fonológica, fonética, morfológica e semântica.

1.3. Origem Motivacional dos Topónimos

O homem na sua organização histórica, por meio da linguagem, nomeou as coisas, seres e acções a fim de estabelecer uma referência simbólica a partir da realidade que o cerca. Este acto carrega consigo, além dos valores linguísticos, relevantes informações da cultura e visão do mundo do denominador, como também revelam traços da natureza dos espaços denominados e do tempo quando ocorreu a nomeação (cf. Júnior, 2012, p. 25).

Siqueira (2011, p. 194) diz que:

“A acção de designar localidades está ligada a aspectos importantes dos valores sociais, políticos, culturais da memória colectiva e estabelece um vínculo de identidade entre o termo escolhido e o lugar nomeado. Desse modo, os topónimos podem representar valores, podem revelar traços culturais da memória e da identidade de um povo mediante as particularidades cristalizadas no termo toponímico”.

Segundo a mesma autora, afirma que “o acto de nomear acompanha o ser humano desde sua origem na Terra. Por seu alcance atemporal e multidisciplinar, os estudos toponímicos constituem um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades linguísticas que ocupam ou já ocuparam um determinado espaço geográfico, histórico e cultural, porque, quando um indivíduo (ou a comunidade linguística) atribui um nome a um acidente humano ou físico revelam-se aí, conforme já foi dito tendências sociais, políticas, religiosas, culturais” (cf. Siqueira, 2011, p. 195).

Para Isquerdo (2008, p. 37) “o que impulsiona o denominador no acto de nomeação são as influências étnicas, culturais, históricas, mitológicas e ambientais (ambiente físico e social) ”.

O signo toponímico é sempre motivado. O factor motivacional pode ser entrelaçado pelas características físicas do espaço ou pelas impressões, sentimentos e crenças do denominador, todavia, é a motivação que diferencia o signo toponímico dos outros signos, já que esses estão submetidos à arbitrariedade (cf. Carvalho, 2012, p. 69).

Na mesma abordagem, Carvalho debruça-se sobre o problema da motivação e da transcendência semântica pela qual o topónimo foi nomeado:

“Muitas vezes, a Toponímia nos referenciará um conceito que não corresponde a realidade física que temos diante de nós, hoje, porque essa realidade mudou com o tempo, ou até desapareceu. Assim, ocorre com muitíssimos topónimos que se referem a vegetação, a hidronímia, ou topónimos culturas que nasceram em seu momento para descrever uma realidade existente, bem definida então, e que agora desapareceu. Trata-se aqui do problema da motivação e da transcendência semântica dos topónimos. Quando nascem e se acomodam a realidade nomeada, estabelecem uma relação directa entre o nome e a coisa nomeada. Pode-se dizer que podem ser compreendidos como “termos semanticamente motivados”. Mas, essa transferência semântica vai se desvanecendo com o tempo e, em muito dos casos, a arbitrariedade entre o nome e a realidade chega a ser quase tão absoluta como a que existe na linguagem comum, ou seja, a realidade muda, transforma-se e até desaparece, mas a língua permanece” (2012, p. 69).

Na Toponímia existe, como em nenhuma outra componente do léxico de uma língua, o fenómeno da motivação linguística:

“três tipos de motivação linguísticas ocorrem na Toponímia nomeadamente fónica, morfológico e semântico. A última motivação é a mais comum. Pode se dizer que os topónimos são em sua maioria, nomes motivados e que o significante de tal topónimo deseja traduzir a realidade física concreta de um lugar” (Carvalho, 2012, p. 69).

Os estratos de uma Toponímia local podem revelar motivações variadas e multiformes quanto a origem motivacional. Eles podem trazer as marcas das primeiras populações que habitaram o espaço, podem conter referências sobre às características físicas do lugar, revelar a posição geográfica, trazer dados sobre a presença da flora e da fauna, demonstrar a vinculação do lugar com uma personagem concreta de que se toma seu nome, traduzir a função social do espaço, podem relacionar actividades humanas, salientar a cultura religiosa (cf. Carvalho, 2012, p. 70).

Em síntese pode dizer-se que a motivação de nomear o topónimo está relacionada com a filosofia do povo, isto é, a sua cultura e com toda a sua vida política, social e económica.

1.4. A Importância dos Topónimos

O topónimo traz em si aspectos linguísticos e sociolinguísticos que reflectem os diferentes estágios da vida de uma comunidade e de um povo. Através dele é possível serem identificados aspectos histórico-culturais de uma localidade, recuperar as características do passado, evidenciar e recuperar características linguísticas, assim como os valores e as crenças de seus habitantes (cf. Silva, 2011, p. 50).

Segundo Salazar-Quijada (1984, p. 29-30 citado por Zamariano 2006, p. 34), “a Toponímia permite conhecer as características culturais de homens que habitaram ou habitam uma determinada região” e, como a Arqueologia, salienta ele, às vezes os topónimos podem ser a “única evidência da presença histórica de grupos em determinadas áreas”. Assevera que os topónimos constituem um bem patrimonial de qualquer País, pois é por meio dos designativos de lugares que as nações apresentam sua personalidade geográfica e se particularizam em relação aos demais territórios do mundo.

Assim, Zamariano, citando o referido autor, destaca a importância da Toponímia em diversas áreas das actividades humanas:

- ♦ importância cartográfica: os mapas, frutos da actividade cartográfica, possuem como os homens, um corpo e um espírito. O corpo corresponde a representação do território e o espírito a da sua nomenclatura. Em uma equipa de cartografia é fundamental a presença de um toponimista com formação sólida, pois, um erro na nomenclatura de um mapa pode trazer graves consequências;

- ♦ importância jurídica: ressalta-se que a imprecisão de nomes geográficos em propriedades públicas e privadas pode levar a sérios problemas de ordem legal. Se os limites de uma propriedade não estiverem sustentados por uma base toponímica clara e firme, ela se encontra em situação de problema de difícil solução;

- ♦ importância geográfica: por meio dos topónimos, identificam-se os acidentes naturais e culturais, pois, os geógrafos necessitam conhecer em detalhes a geografia física, a geografia humana, a geografia regional e urbana. Os topónimos são vitais para a área espacial por relacionarem o homem ao ambiente. Assim, para a geografia, eles constituem pontos de partida para numerosas investigações;

- ♦ importância histórica: um topónimo é um dado histórico por meio do qual um historiador pode construir a cultura de um povo: sua economia, seus movimentos migratórios, aspectos linguísticos e aspectos da vida social e espiritual das pessoas que habitam ou habitaram uma região. A Toponímia indígena, numa zona onde estes grupos têm

desaparecido, permite, conjuntamente com os restos arqueológicos abordar estudos para o conhecimento histórico de antigos habitantes de uma área geográfica;

- ♦ importância folclórica: várias são as influências toponímicas feitas pelos povos em suas manifestações folclóricas. Os topónimos aparecem em inúmeras produções literárias e expressões culturais (nomes de acidentes geográficos, Estados e cidades fazem-se presentes em músicas e poemas);

- ♦ importância político-administrativo: a toponímia também é de suma importância para as actividades político-administrativas, uma vez que permite fixar as referências dos limites de um município, distrito, Estado e até limites internacionais. Já os topónimos permitem situar as propriedades públicas e privadas diferenciá-las e demarcá-las com precisão;

- ♦ importância linguística: um dos principais fundamentos da toponímia está ligada a explicação etimológica dos topónimos, e nesse sentido está intimamente ligado a linguística. De facto, a toponímia é um fenómeno linguístico aplicado a fenómenos geográficos. O homem designa e deferência cada um dos fenómenos geográficos e culturais ao seu redor. O linguista, ao estudar os nomes geográficos antigos e históricos, pode chegar a conclusões importantes; ao obter nomes geográficos antigos e históricos, pode chegar a conclusões importantes, ao obter nomes geográficos autóctones e com a sua consequente análise etimológica proporcionar à história valiosos dados de reconstrução do passado;

- ♦ importância patrimonial: por ser acervo cultural de um País, a Toponímia deve ser considerada património nacional. Todo país anseia ressaltar seus valores pátrios: sente-se orgulhoso do nome do país, do Estado e do município. Esses topónimos, produto histórico de conquista e colonização, particularizam seus moradores do resto do mundo;

- ♦ importância viária: essa importância é conhecida por um sem número dos que viajam através de estradas e percorrem os rincões no território. É por meio da toponímia, nos mapas, que os viajantes se orientam determinando a origem e o destino de sua viagem. Há avisos e letreiros com nomes de localidades para orientar o usuário, sendo esta sua aplicação mais prática;

- ♦ importância social: os topónimos podem ter um significado afectivo essencial para os habitantes de uma comunidade e assim uma pessoa estranha não pode entendê-lo inteiramente. Para os habitantes de uma determinada localidade não é cabível alterar nomes usados em honra a pessoas proeminentes da história local, em memória de factos históricos e do cotidiano. Erros em ortografia e pronúncia do nome da localidade podem ocasionar situações constrangedoras, pois, há um sentimento social de orgulho pela associação do topónimo com o lugar que designa. Da mesma forma é arbitrário que se altere um topónimo

sem que seus habitantes permitam. O topónimo é para o lugar e o nome próprio é para a pessoa, não se muda sem o consentimento da própria pessoa.

1.5. As Taxionomias Toponímicas

Na classificação dos topónimos, Di Tizio (2008, p. 16) afirma que Dick identifica os topónimos como o nome próprio do lugar que possui capacidade de designar, sendo o sintagma toponímico a união de um acidente geográfico a um nome. No modelo classificatório proposto, figura, portanto, em primeiro plano, o termo ou elemento genérico, relativo ao acidente geográfico e, em segundo plano, o elemento específico, ou o topónimo propriamente dito, no qual pode identificar-se a intenção do denominador no acto da nomeação.

A partir desta divisão, Dick classificou as estruturas dos topónimos, segundo sua formação em:

- ♦ topónimo ou unidade simples: é aquele que se faz definir por um só elemento, seja substantivo ou adjectivo, de preferência, podendo, contudo, apresentar-se também acompanhado de sufixações (diminutivas, aumentativas ou de outras precedências linguísticas);

- ♦ topónimo composto ou unidade composta: é aquele que se apresenta com mais de um elemento, de origem diversa, do ponto de vista de conteúdo, gerando, por isso, às vezes, formações inusitadas que, apenas a história local poderá elucidar, convenientemente;

- ♦ topónimo híbrido ou unidade híbrida: é aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências: a formação que se generalizou no país é portuguesa + bantu ou bantu + portuguesa.

Em sua tese de doutoramento intitulada “*A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*”, Dick (1990, p. 367 *apud* Di Tizio 2008, p. 16) apresenta princípios teóricos de investigação, o diacrónico e o sincrónico, considerando que a investigação, na segunda perspectiva, permite “o exame das séries motivadoras, que conduziram a elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físicos e antropocultural”. Nesta tese, a autora, além de formular uma terminologia técnica para a matéria, destaca os principais motivos que comandam a organização da nomenclatura geográfica.

Assim, considerando que a Toponímia tem por objectivo, entre outros, a busca da origem e da significação dos nomes de lugares, recorre-se, a modelos taxionómicos nos ordenamentos sistemáticos das ciências humanas que guardam vínculo com ela, de tal modo que a aproxima definitivamente de outras ciências linguísticas.

Portanto, Dick criou um modelo de classificação em 1975, que continha 19 (dezanove) taxes. Esse modelo foi reformulado posteriormente, pela própria autora, e publicado em 1990, contando com 27 (vinte e sete) taxes, das quais 11 (onze) se relacionavam com o ambiente físico e são denominadas de “Taxionomias de Natureza Física” e 16 (dezassexes) estão ligadas as relações que envolve o homem inserido em um grupo com os seus aspectos sociais, culturas, denominadas “Taxionomias de Natureza Antropocultura”.

a) Taxionomia de Natureza Física

♦ Astrotopónimos: topónimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex: estrela, Rio da Estrela, Saturno (AH ES).

♦ Cardinotopónimos: topónimos relativos as posições geográficas em geral. Ex: Praia do Leste, Serra do Norte, Entre-Rios, Ribeirão do Norte, Lagoa do Sul.

♦ Cromotopónimos: topónimos relativos à escala cromática. Ex: Rio Branco, Rio Negro, Serra Azul.

♦ Dimensiotopónimos: topónimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, grossura, largura, espessura, altura, profundidade. Ex. Ilha Comprida, Serra Curta, Larga, Riacho Grosso, etc.

♦ Fitotopónimos: topónimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade. Ex: Arroio, Pinheiro.

♦ Geomorfotopónimos: topónimos relativos as formas topográficas: elevações (montanhas, depressões, e as formas litóranas. Ex: Monte Alto, Morro Azul, Costa Rica, etc.

♦ Hidrotopónimos: topónimos resultantes de acidentes hidrográficas em geral. Ex: Serra da Águas, Água Boa, etc.

♦ Litotopónimos: topónimos de índole mineral, relativos também a constituição do solo, representados por indivíduos. Ex: Lagos do Barro, Córrego do Barreiro, Arroio do Ouro, Pedreira, etc.

♦ Meteorotopónimos: relativos a fenómenos atmosféricos. Ex: Serra do Vento, Ventania, Riacho das Neves, Cachoeira do Chuvisco, etc.

♦ Morfotopónimos: topónimos que reflectem o sentido de forma geométrica. Ex: Curva Grande, Ilha Quadrada, Lagoa Redonda, etc.

♦ Zootopónimos: topónimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos. Ex: Rio do Boi, Lagoa da Onça, etc.

b) Taxionomia de Natureza Antropocultural

♦ Aminotopónimos ou Nootopónimos: topónimos relativos à vida psíquica, espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria-prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como facto cultural, não pertence à cultura física. Ex: Victória, Triunfo, Cachoeira da Saudade etc.

♦ Antropotopónimos: topónimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex: Abel, Chiquito, Fernão Velho, Manoel Alves, etc.

♦ Axiotopónimos: topónimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex: Presidente Prudente, Doutor Pedrinho, Duque de Caxias, etc.

♦ Corotopónimos: topónimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, religiões e continentes. Ex: Brasil, Europa, Luanda, etc.

♦ Cronotopónimos: topónimos que encerram indicadores cronológicos, representados em Toponímia, pelos adjectivos, novo/a, velho/a. Ex: Velha Boipeba, Rio Novo Mundo, etc.

♦ Ecotopónimos: topónimos relativos as habitações de um modo geral. Ex: Casa da Telha, Ocauçó, Sobrado, etc.

♦ Ergotopónimos: topónimos relativos aos elementos da cultura material. Ex: Córrego da Flecha, Jangada, Relógio, etc.

♦ Etnotopónimos: topónimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex: Guarani, Ilha do Francês, etc.

♦ Dirrematopónimos: topónimos construídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex: Há Mais Tempo, Valha-me Deus, Vai Quem Quer, etc.

♦ Herotopónimos: topónimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Ex: Cristo Rei, Alá, Nossa Senhora da Glória, etc. Os herotopónimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: a) **hagiotopónimos** - topónimos relativos aos santos e santas do hagiolégio romano. Ex: São Paulo, Santa Tereza, Santana da Boa Vista, etc. b) **mitotopónimos** – topónimos relativos as entidades mitológicas. Ex: Ribeirão do Saci, Lago Curipira, Jurupari, etc.

♦ Historiotopónimos: topónimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como as datas correspondentes. Ex: Independência, Rio7 de Setembro, etc.

♦ Hodotopónimos (Odotopónimos): topónimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex: Estrada, Avenida, Rua de Palha, etc.

♦ Numerotopónimos: topónimos aos adjetivos numerais. Ex: Duas Barras, Duas Pontes, Três Coroas, etc.

♦ Pitotopónimos: topónimos constituídos pelos vocábulos “vila”, “aldeia”, “cidade”, “povoado”, “arraia”. Ex: Rio da Cidade, Serra da Aldeia, etc.

♦ Sociotopónimos: topónimos relativos as actividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça). Ex: Sapeteiro, Pescador, Serra dos Tropeiros, Oficina, etc.

♦ Somatopónimos: topónimos empregados em relação metafórica as partes do corpo humano ou do animal. Ex: Cotovelo, Lagoa da Mão Quebrada, Dedo Grosso, etc.

♦ Acronimotopónimos: topónimos relativos às siglas. CIANORTE.

♦ Estematopónimos: os percebidos pelos sentidos. Ex: Ribeirão Doce.

♦ Grafematopónimos: topónimos que apresentam entre os elementos distintivos letras do alfabeto. Ex: Secção.

♦ Higietopónimos: topónimos relativos a saúde, a higiene, ao estado do bem-estar físico. Ex: Água Limpa.

♦ Necrotopónimos: topónimos que se referem ao que é ou está morto, a restos mortais. Ex: Corrego Caveira.

Lema, apresenta uma proposta classificatória quase semelhante da classificação que Dick fez, porém, Lema acrescenta três tipos de classificação toponímica que Dick não abordou (cf. Lema, 2010, p. 40-41):

i) Agrotoponímia: topónimos relacionados com actividades agrárias.

ii) Gentílicos: topónimos formados a partir doutros topónimos (de procedência geográfica).

iii) Orotoponímia: topónimos criados a partir de nomes comuns alusivos às características do solo e a diferentes acidentes do terreno.

Para Carreter, subdivide a Toponímia em: “[...] toponímia mayor o de grandes lugares: pueblos, rios, montes, valles, etc, etc., y toponimia menor o nombres de pequeños lugares: arroyos, terrenteras, dolanos, riscos, altozanos, hondonadas, etc.”, (cf. Carreter, 1971, apud Ferreira 2013, p. 47).

Concluindo, a classificação da Toponímia depende de cada região face aos estudos a serem feitos naquelas localidades. Portanto, todas classificações acabam convergindo em vários aspectos; o que a deferência, às vezes, são as terminologias que um ou outro autor utiliza neste e naquele tipo de topónimo.

1.6. A Importância da Lexicologia no Estudo da Toponímia

1.6.1. Conceito de Lexicologia e Léxico

Segundo Mudiambo (2014, p. 62) a Lexicologia constitui-se como disciplina a partir da Linguística sincrónica e estrutural, fundada por Ferdinand de Saussure em 1916 (data da publicação do Cours de Linguistique Générale).

Vilela caracteriza a Lexicologia do seguinte modo:

“A lexicologia pode incluir a etimologia⁴, a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas tem uma ligação especial com a semântica. A Lexicologia costuma a ser definida como a ciência do léxico duma língua. Isto é, a Lexicologia tem como objecto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações” (1994, p. 10).

O objecto da Lexicologia é o estudo da semântica (lexical) e morfologia (lexical): o primeiro aspecto, compreende o estudo do conteúdo dos lexemas e grupos de palavras equivalentes de lexemas. Mas a semântica lexical pode situar-se no nível de “langue”, da “norma” e no nível da “parole” e o nível de “langue” situa-se a sistematicidade das unidades funcionais; no nível da norma situa-se o que não é necessariamente funcional ou distintivo, mas o que é fixado socialmente e usado pela comunidade linguística respectiva; no nível de “parole” situa-se o que pertence ao discurso concreto, a designação ou a relação com o extralinguístico (cf. Vilela 1994, p. 11).

A Lexicologia é, pois, um dos ramos da Linguística que, pela sua especificidade e extensão, constitui uma disciplina autónoma. Ou seja, as regras que dizem respeito às unidades lexicais estudam-se na Lexicologia, que se constituiu, enquanto ciência, depois da Linguística Estrutural. É o ramo da Linguística que tem por objecto de estudo o *léxico*, nas suas diferentes estruturas; estuda todos os aspectos relacionados com as unidades de primeira articulação, ou seja, as unidades dotadas de duas faces: significante e significado (cf. Cameia, 2013, p. 11). Ao constituir-se como uma disciplina autónoma, abrange domínios como os fenómenos de criação lexical (lexicogénese), importação e formação de unidades lexicais, a etimologia, a estatística lexical, e relaciona-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em especial com semântica; descreve os campos lexicais e determina as relações entre unidades lexicais (cf. Chicuna, 2003, p. 55).

⁴ A etimologia é uma disciplina que procura informação a cerca da história das palavras, até encontrar o seu étimo, ou seja, a forma mais antiga dessa palavra, de que há conhecimento (cf. Villalva, 2008, p. 50)

A Lexicologia é uma palavra de origem grega “*lêxicon*”, *lêxico* + “*logos*”, *estudo* – estudo da etimologia das palavras dos elementos que compõem e das suas diversas acepções (Novo Dicionário de Língua Portuguesa Conforme Acordo Ortográfico 2007, p. 974).

Hoje, segundo Mudiambo (2014, p. 62) a “Lexicologia é como um estudo teórico do léxico, em múltiplos aspectos, como a frequência, a estatística lexical, a distribuição, a fonomorfologia, a morfologia lexical, morfossintaxe, a semântica lexical, a pragmática do discurso, a autonomia ou dependência de uma gramática”. Nesta mesma perspectiva, Quivuna acrescenta dizendo que “hoje, o conceito de léxico não é apenas reservado à Linguística; existem outros conceitos: na Informática pode designar um “léxico de instruções” de um programa, ou um “léxico computacional” relativo ao tratamento automático da língua; nas Ciências da Documentação, o termo “léxico documental” designa um “sistema de descritores” (2014, p. 53).

Referindo-se ainda aos estatutos da Lexicologia, Rey (2008, p. 145, apud Mudiambo, 2014, p. 63) sublinha que a disciplina possui um quadro teórico, onde se entrecruzam várias teorias e metodologias e, simultaneamente, a disciplina caracteriza-se por uma vertente teórica e uma vertente aplicada. Mas antes Rey (1970) explicara, “Le lexique, tel qu’il a été défini este une notion théorique”.

A Toponímia é léxico de uma língua. Por isso, Melo⁵ referencia-o como léxico toponímico, isto é, como indicador cultural, uma vez que a língua é retratada pelo povo, evidenciando a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade.

O termo léxico, deriva do grego “*λεξικόν*” (léxico), isto é, “fala”, “palavra”, e de “*λέγω*” (de lego), para dizer, falar – é o conjunto de todas as palavras (ou constituintes morfológicos portadores de significado) possíveis numa língua incluindo as que deixaram de estar em uso e as novas palavras que venham a formar (cf. Azeredo, 2014, p. 277).

Para Vilela (1994, p. 6):

“léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade”. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo”.

⁵ cf. Pedro A. G. Melo, (2012a): *Uma Interface Língua – Cultura: Um Estudo Onomástico em Toponímia da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco*. In: Revista Momento V.3, n.1. 2. file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Dialnet-UmaInterfaceLinguocultural-4798979.pdf. Acesso em 03/04/2014, 14:13.

No léxico integram-se também, unidades menores de palavras, sufixos e afixos que permitem os neologismos. Ele pode ser entendido como a matéria-prima que possibilita a construção e a compreensão dos enunciados linguísticos, relacionando-se com todas as nuances gramaticais, integrando palavras e frases dentro de uma categoria sintáctica, morfossintáctica, representação fonológica e sintáctica. Assim, cada unidade lexical é portadora de muitas informações que se relacionam com os registos de uma língua ou com um vocabulário especializado. Não obstante, o léxico toponímico é sempre dinâmico e quando utilizado por uma comunidade de falantes, está sempre exposto às mudanças e evoluções, sofrendo as influências, por isso é que algumas palavras logo se incorporam ao léxico da língua, enquanto outros empréstimos aparecem em uma época determinada e desaparecem rapidamente. Assim, constata-se que o léxico de uma língua não é um sistema fechado, mas sim, um inventário aberto no qual constantemente aparecem palavras novas e desaparecem outras (cf. Carvalho, 2012, p.31).

Segundo a gramática transformacional generativa, define léxico como:

“Conjunto das entradas lexicais correspondendo à competência lexical do falante/ouvinte duma língua particular, formando um conjunto de elementos dotados duma irregularidade essencial, *“the lele lexical entries constitute the full set of the irregularities of the languages”* (Chosmsky, 1965, p. 142 apud Vilela, 1979, p. 12).

Na mesma óptica, Vilela (1979, p. 10) diz que:

“O léxico entendido como competência lexical representa um sistema de possibilidades, no locutor/ouvinte ideal, que abrange as palavras reais (dado o carácter aberto do léxico torna-se muito difícil um envolvimento exaustivo das palavras reais) pautadas pela norma (documentadas) e ainda as palavras possíveis (com base nas regras de formação) ”.

Correia e Lemos (2009, p. 9) registam o conceito fundamental da Lexicologia, isto é, “o léxico como um conjunto virtual⁶ de todas palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neologias e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua”.

O léxico que compõem a Toponímia do Cuito é formado por série de elementos diversificados de várias origens. É importante assinalar que grande número de topónimos provém da Língua Umbundu. A esse conjunto de palavras da Língua Umbundu devem ser juntados os empréstimos e estrangeirismos que ao decorrer do tempo, a língua é usada pela

⁶ cf. R. Gallisson D. Coste, Dicionário de Didáctica das Línguas, Livraria Almedina, Coimbra – 1983, p. 433

comunidade. Encontramos também, topónimos de origem do Português, Ngangela, Cokwe e Kimbundu.

A importância da Lexicologia não consiste apenas no registo do léxico, mas fornecer também os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico duma língua: “a sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma” (Vilela, 1994, p. 10). Mudiambo (2014, p. 62 apud J. Dubois, 1962, p.1) reafirma que a partir das investigações sobre estruturação do léxico realizadas a partir da hipótese de que o léxico de uma língua é organizável a partir de leis estruturais, o léxico não é um simples aglomerado de “palavras” isoladas, mas um sistema “formé d’un ensemble d’unités significatives où tout se tient où les éléments se délimitent réciproquement et tirent leur valeur de la position qu’ils occupent à l’intérieur de ce que depuis Jost Trier est convenu appeler un *champ*”. E Rey (1970, p. 41) diz que:

“L’office de la Lexicologie est donc d’expliquer tout ce qui concerne la connaissance des mots, pour y proceder avec méthode, elle en considere le matériel, la valeur, et l’étymologie”.

1.6.2. A Lexicologia no Estudo da Toponímia

Verifica-se a importância da Lexicologia, pelo facto de estudar uma língua, isto é, não só abrangendo as palavras em uso, em diferentes contextos, mas também as que podem vir a ser criadas pelos processos de construção de palavras que a língua permite⁷. Julgamos que a Lexicologia é muito pertinente no estudo da Toponímia, visto que ela se integra na Onomástica como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares e concomitantemente; a Onomástica integra-se a Lexicologia⁸.

Também, se pode inferir que se não fosse a Lexicologia contribuir para o estudo da Toponímia, haveria muita dificuldade em se estudar a etimologia, origem, significado, empréstimos, neologismos, estrangeirismos, estrutura do léxico de uma determinada língua. “Pois, com a Lexicologia no estudo da Toponímia, entenderemos que o léxico toponímico enriquece o léxico de uma língua, que pode ser feita através de vários processos morfológicos

⁷ cf. M. Olga Azeredo et al. Da comunicação a expressão – Gramática Prática de Português, 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Raiz Editora, 2014, p. 276

⁸ cf. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, Referências e Onomástica. [Http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf), 28.09.2014 – 18:50.

de formação de palavras nomeadamente a derivação a composição etc.”, (cf. Pinto e Lopes, 2014, p. 90)

Assim, importa destacar também que a Toponímia é entendida como parte integrante do estudo do léxico, por se apresentar como um dos principais dispositivos impulsionadores do resgate léxico, apagado pelas camadas de opacidade sobrepostas pelo tempo. Além disso, o estudo do léxico, na sua variante toponímica, revela os elementos que atravessaram o tempo, permitindo o resgate da história e da própria transparência do topónimo, como no acto de nomeação (cf. Pegoraro, 2013, p. 20). Na mesma perspectiva Azeredo (2012, p. 383) diz que:

“A constituição geral do léxico de uma língua reflecte, por meio de seus subconjuntos, as circunstâncias históricas vividas pelas comunidades as quais ela serve como meio quotidiano de expressão”.

É de sublinhar o papel importantíssimo que a Lexicologia tem como estudo dos lexemas, das suas estruturas e variantes e das suas relações com os significantes, dado que um lexema é entendida como uma unidade linguística dotada de significado léxico, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem (cf. Chicuna 2003, p. 67).

Face a tudo que foi exposto, concluímos que a Lexicologia é importante na Toponímia em muitos aspectos, mas especialmente nos domínios linguístico e histórico, promovendo o estudo da etimologia, dos significados e da estrutura do léxico toponímico.

1.6.3. Interferência do Português no Léxico Toponímico de Origem Umbundu do Município do Cuito

A Língua Portuguesa como várias outras Língua moderna ocidental pertence ao grupo das línguas “românicas ou neolatinas”, que têm o seu ponto de partida no latim, língua do Lácio na Itália Antiga ou mais especificamente, a cidade de Roma (cf. J. Mattoso Camara JR., 1979, P. 12).

O Português é uma língua oficial em Angola, ocupando um papel privilegiado, face as várias funções que esta língua desempenha (cf. Nzau, 2011, p. 91).

O município do Cuito tem mais de duas línguas coexistindo dentro deste território. Assim, temos o Português, Umbundu, Ngangela e Cokwe. Porém, nessa parte do trabalho faremos menção a dois sistemas linguísticos, isto é, o Português e Umbundu.

É importante salientar que “quando dois povos entram em contacto durante um período considerável, como é o caso dos colonizadores europeus e os escravizados negros

africanos, as línguas acabam influenciando-se mutuamente, através do aparecimento dos traços de uma língua no discurso de falantes de outra língua (cf. Mendonça, 2014, p. 1).

Segundo Mendonça (2014, p. 2) a interferência linguística define-se como:

“[...] fenómeno que ocorre na interacção entre duas ou mais línguas, na qual os traços característicos de uma são transferidos integralmente ou parcialmente para outra.”

Para Martinet (1980, p. 171) interferência é o “*phénomènes de contact de langue*”.

As interferências sobrepõem-se em todos os níveis, mas o nível lexical acaba sendo a área mais vulnerável ao fenómeno de interferência, numa situação de contacto de línguas (cf. Mingas, 2000, p. 59).

Entretanto, podemos inferir que o Português interferiu também na estrutura fonológica, consequentemente, do léxico toponímico. O exemplo disso é que o falante de Português (no período colonial) alteraram alguns topónimos de origem Umbundu, como é o caso da troca do grafema /l/ lateral dental substituído por /r/⁹ lateral alveolar. Exemplo: o topónimo em Umbundu é “*Tulumba*” que significa “surpresa” e foi alterado em Português por “*Trumba*”.

A interferência do sistema linguístico do Português no Umbundu, reflecte-se no léxico toponímico, o que pode de certa maneira criar alguns constrangimentos nos aspectos que se relacionam como significado, etimologia e motivação que está na base da escolha do topónimo. A respeito disto diz Mendonça (2014, p. 7):

“As palavras ao entrarem na Língua Portuguesa podem sofrer de interferência fonética ou morfossintáctica, como no caso “Mbanza Congo, de origem bantu, que passa para o Português como Banza Congo”. Perde-se a sonoridade característico da sua origem nacional, para ser falada conforme o padrão Lusitano. Há neste caso, uma de caracterização da estrutura linguística que faz parte do património cultural do povo angolano e que releva sua identidade sociolinguística”.

Outro facto a salientar é a mudança de alguns topónimos, durante a ocupação colonial. Nesse caso houve um “aportuguesamento¹⁰”, eliminando uma possível influência fonética das línguas Bantu presente num determinado topónimo. Este é o caso do topónimo **Bié**. A referida cidade situa-se no planalto central, a norte do Huambo. Pertence à região em que, antes da ocupação colonial, reinou o Rei Katyavala. Toda a zona da sua jurisdição era conhecida por “**Viye**” que em Umbundu, significa “**que venham**”. Nesta frase está expressa toda a prontidão

⁹ Na Língua Umbundu não existe o som [r].

¹⁰ cf. Laurindo (2012, p. 51) define aportuguesamento como um processo que consiste em dar a forma portuguesa as palavras estrangeiras, acto ou efeito de aportuguesar, isto é, acomodar ao gosto ou uso português.

como que Rei recebia os invasores do seu reino. Ora, após a implantação colonial, no “**Viye**”, facto consumado pelo general Silva Porto, a cidade passou a chamar-se “**Silva Porto-Bié**”, em honra do seu conquistador e primeiro Governador (cf. Costa, 2013, p. 46).

Em seguida temos outros exemplos de aportuguesamento dos topónimos do município do Cuito: L.P - **Jamba**, L.U – **Ndjamba**; L.P - **Jimba Silili**, L.U - **Ndjimba Silili**; L.P - **Cunje**, L.U - **Kundje**; L.P - **Cambulucuto**, L.U - **Kambulukuto**; L.P –**Ecovongo**, L.U - **Ekovongo**, L.P – **Chambanda**, L.U – **Cambanda**.

Nestes exemplos, chegamos a conclusão de que o sistema linguístico do Português é diferente com o sistema linguístico do Umbundu, razão pela qual existe interferência do Português no Léxico Toponímico do Cuito de origem umbundu.

2. CARACTERIZAÇÃO GEOLINGUÍSTICA DA PROVÍNCIA DO BIÉ E DO MUNICÍPIO DO CUITO

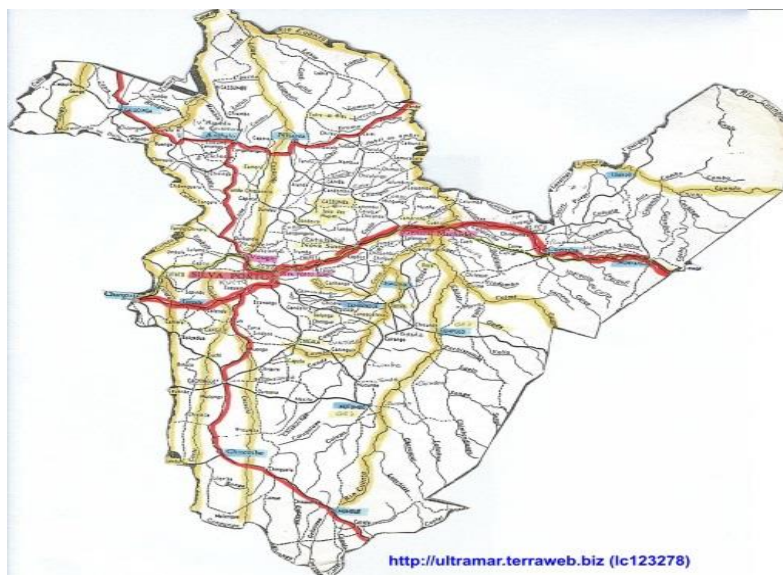
2.1. Situação Geográfica da Província do Bié.

Bié é uma província de Angola. Tem área de 70 314 km² e a sua população aproximada é de 1.338.923 habitantes (cf. Resultados Preliminares, 2014, p. 89). A sua capital é a cidade do Cuito.

Bié tem uma forma de coração e encontra-se no centro geográfico do país, entre 10°34' – 14°18' de latitude e 15°42' – 19°13' de longitude. A capital Cuito está a 1600 metros sobre o nível do mar. No norte faz fronteira com a província do Kwanza Sul, Malanje, Lunda Sul, Este Moxico, Sul Cuando-Cubango, Oeste Huíla e Huambo. A maioria dos rios angolanos inclusivamente o maior rio do país, Kwanza, nasce no Bié. Os rios Luando e Cuemba estão situados na parte ocidental e graças às suas grandes cataratas têm um bom potencial hidroenergético¹¹.

Do ponto de vista administrativo, a província está dividida em nove (9) municípios que são: Andulo, Camacupa, Catabola, Chinguari, Chitembo, Cuemba, Cunhinga, Cuito, e Nharea.

Mapa nº 1. Carta da Província do Bié



Fonte: <http://img183.imageshack.us/img183/4619/02biexs9.jpg>

¹¹ cf. Fonte: http://www.projects.its.czu.cz/angola/angola_prt.html

O nome da província do Bié deriva do nome do soba *Viye* que denominou toda a zona correspondente agora ao distrito, anteriormente a chegada do “*sertanejo Silva Porto*”¹² àquelas terras (Boletim do Instituto de Angola nº 12 Janeiro – Dezembro 1959, p. 118).

Na zona do Bié, a altitude interfere consideravelmente na temperatura. O clima é húmido e quente, as temperaturas variam de 19°C a 21°C e existem duas (2) estações: de Outubro até Abril, que é quente e chuvoso; entre Maio e Setembro é seco com temperaturas médias de 2°C e 10°C nos meses de maior frio e 18°C até 25°C em períodos de clima mais quente. E as quantidades anuais de precipitação são para a maior parte do território da ordem dos 1200 mm, diminuindo para o sul em função do aumento da latitude e aumentando em zona limitada do Nw, em regiões de altitude superior a 1500 m (cf. Monteiro, 1970, pp. 27-30).

A província do Bié é uma área de confluência de várias etnias. Prevalece a dos Bienes, um subgrupo dos Ovimbundu, cujo nome se relaciona com o nome da província. Observa-se alguma presença do grupo Cokwe que, na sua migração a partir do nordeste de Angola chegaram até aqui. Finalmente, existem aqui pequenos povos enquadrados na categoria etnográfica Ngangela, como por exemplo os Lwimbi.

Segundo Chimbinda (2009, p.1) diz que:

“[...] o povo umbundu estende-se do planalto central de Angola até à costa sententrional do oceano Atlântico¹³. Esta área geográfica umbundu encontra-se entre a latitude sul de 11° e 15° e os meridianos 14° e 18° oeste¹⁴. O povo umbundu constitui 36% de toda a população do País¹⁵”.

Como já foi referenciado, o grupo ovimbundu é o mais numeroso, mas também o mais homogéneo grupo etnolinguístico de Angola¹⁶. Segundo Zau (2002, p. 62) diz que:

“Os ovimbundu de língua materna umbundu, nunca tiveram uma estrutura política central como os Bakongo e os Ambundo. No final do século XIX e antes da

¹² Cf. Réne Pélissier, *Histórias e Campanhas de Angola*. 3 Edição, 2013, pp. 69-71.

¹³ cf. Gladwyn Murray Childs. *Umbundu Kinship e Character*, London, Oxford University Press, 1949.

¹⁴ cf. Merran McCulloch. *The ovimbundu of Angola*. London, Internacional Africa Institute, 1952.

¹⁵ cf. Susan H. Broadhead. Introduction. In: *Historical Dictionary of Angola*, Susan H. Broadhead ed., 2nd. Edition, African Historical Dictionaries, No. 52, London, The Scarecrow Press, Inc.

¹⁶ E José Redinha, na sua obra, *Distribuição Étnica de Angola de 1962*, classifica os Ovimbundu, por: **BIENOS** – outras formas: Bienu, Bihenos, Vavihe, Vie, Ba-Vie; **BAILUNDO** – outras formas: Mbalundu, Bailoundou, Ba-Lundo; **SELE** – outras formas: Musseles, Selles, Ba-Seles, Vã-Séli; **SUMBI** (ou PINDA) – outras formas: Asumbi, Va-Sumbi, Mussumbes (da antiga província do Sumbes em volta do posto de Quicombo), Mussumbis, Mossumbis, Pindas Mupindas; **MBUI** – outras formas: Mby, Ambuíns, Ambois; Quissanje – outras formas: catchissange, Vachissange; **LUMBO** – outras formas: Lumbos, Mulumbos; **DOMBE** – outras formas: N’domba, Mundombes, Mondombe, Vandombe, Ndombes, Dndombe; Ban-Dombe (A. F. Nogueira) Bandombe (Capelo e Ivens). **HANHA** – outras formas: Muanhas, Vahanha; **GANDA** - outras formas: Munganda, N’ganda, Vanganda; **UAMBO** - outras formas: Huambo, Vauambos, Wambu, Ova-Uambo; **SAMBO** - outras formas: Sambos; **CACONDA** - outras formas: Cacondas, Kakonda; **CHICUMA** - outras formas: Vachicumas, também designados Vachiacas, Chiagas ou Quiacas.

ocupação efectiva portuguesa, estavam divididos numa dúzia de sobados, sendo o maior deles o Bailundo. Mas, por outro lado, nunca estiveram profundamente divididos, nem linguística nem politicamente”.

Os ovimbundu tinham como actividade o comércio, e consequentemente é a etnia que mais contribuiu para desenvolvimento social e económico de Angola, de acordo Zau (2002, p. 63):

“Os ovimbundu eram os comerciantes não só de Angola mas também da África Central. É também o grupo que na época colonial mais se integrou na vida económica e social de Angola: de ferroviário por todo percurso do Caminho de Ferro de Ben – guela – do Lobito ao Luau – ou ainda do Caminho de Ferro de Moçâmedes; na apanha de café no Norte, nas minas de Cassinga, ou na pesca em Benguela; no corte de cana na Catumbela ou como estivador no porto de Luanda e do Lobito..., os ovimbundu constituíram-se numa etnia chave para o desenvolvimento de Angola, independentemente da sua preponderância numérica”.

Quanto a organização social Cruz (1940, p. 47) diz que:

“Na organização social predomina o sistema matriarcal. Os filhos, na sua maioria dos casos, pertencem a mãe e aos tios maternos, dos quais herdaram os bens; deve ser este o motivo por que, em algumas tribos, a criança cresce e é tratada em casa do tio materno, que, por assim dizer, exerce a verdadeira autoridade sobre os sobrinhos.”

Geralmente, quando não há sobrinhos, os herdeiros são os irmãos. Dificilmente os filhos têm direito a qualquer herança paterna (cf. Cruz 1940, p. 47).

No entanto, hoje, fica quase ultrapassado esta forma de organização social, devido à civilização e à influência das autoridades administrativas que têm ajudado na distribuição dos bens pelos filhos e sobrinhos (cf. Cruz 1940, 47).

Na organização política dos ovimbundu, o poder dos grandes potentados já não existe. Cada tribo está subordinada a um chefe gentílico, que toma o nome de *soba*, *jaga*, *dembo*, infumo e que tinha antes da ocupação, poder absoluto de vida ou de morte sobre as pessoas (cf. Cruz, 1940, p. 50). O *soba* é assistido por um conselho de *macotas* ou *sobatas*, que têm a seu cargo diferentes atribuições no governo do povo (cf. Malumbu, 2005, p.179).

Regra geral, os herdeiros directos para a sucessão são os sobrinhos do *soba* falecido, isto é, filho mais velho da irmã mais velha. Na falta de sobrinhos sucede-lhe o irmão. Mas sobados há também em que a sucessão recai nos filhos do matrimónio ou nos irmãos, como sucede entre os Ba-Seles (cf. Cruz, 1940, p. 51).

Culturalmente, para os ovimbundu, no rito de casamento, o homem é simbolizado por um arco com flecha (*ohondji lusongo*) para indicar masculinidade e a mulher por um “*ohumba*¹⁷” simbolizando feminidade. Para duas pessoas se casarem, o homem é que tem de manifestar, em primeiro lugar, o interesse pela mulher. Não é o inverso. Assim, o “iniciador” ou o “provocador” primeiro de um processo de casamento é o homem (*ulume eye ukwakufetika*). O plano inicial de um homem gostar de uma mulher só pode chegar a bom termo com o consentimento dela. Ela coroa o desejo dele. Este processo iniciante do homem (*fetikilo-Feti*) e conclusivo da mulher (*Ukwakwoya-coya*) é simbolizado pelas figuras *Feti* e *Coya*. Por isso, pode dizer-se que *Feti* é uma figura masculina e *Coya* uma figura feminina (cf. Chimbinda, 2009, p. 1-2). Contudo, o casamento bantu aparece como institucionalmente monogâmico e permissivamente polígamo (cf. Altuna, 2006, p. 317).

2.2. Cuito: Dados Geolinguísticos e Históricos

O Município de Cuito está situado na região Centro Sul da Província do Bié. A sua área territorial corresponde a 4.814 Km².

Cuito, localizado no Planalto Central, apresenta uma altitude sempre superior a 1000 metros, o clima é tropical de altitude ou temperado húmido, com temperaturas médias anuais à volta dos 19 – 21°C, variando a média das máximas entre 25 e 27°C e a média das mínimas entre 11 e 13°C. A precipitação anual varia entre 1100 e 1400 milímetros com duas estações bem diferenciadas: a chuvosa de Setembro a Abril, e a seca (cacimbo), que vai de Maio a meados de Setembro, ocasião em que podem acontecer geadas. A humidade relativa do ar oscila entre 35 – 40%, no cacimbo e 75 – 80% na estação chuvosa, com uma média anual de 60 - 70% (cf. Administração Municipal do Kuito, 2010, p. 10).

Os municípios fronteiriços de Cuito são: município do Cunhinga ao Norte, município do Chitembo ao Sul, município de Catabola e Camacupa Leste e o município do Chinguar a Oeste.

Do ponto de vista administrativo, o município de Cuito está dividido por cinco (5) Comunas sendo: Comuna sede (Cuito), Comuna de Cunje dista a sete (7) km da Comuna sede, Comuna de Trumba dista a dezoito (18) km da Comuna sede, Comuna de Chicala que dista a cinquenta e quatro (54) km da comuna sede, Comuna da Cambandua que dista a cinquenta e dois (52) km da comuna sede¹⁸.

¹⁷ *Ohumba*, em português é balaio.

¹⁸ cf. Administração Municipal do Kuito - Comuna do Kunje. “*Monografia Comuna da Kunje*”e. 2010; Administração Municipal do Kuito - Comuna do Trumba. “*Monografia Comuna do Trumba*”. 2010;

Quanto a hidrografia, o município encontra-se servido por uma importante bacia hidrográfica constituída por quatros grandes rios que têm caudal permanente como o Cuquema, Cunje, Druma, Cuito, Caluapanda, Chanhora, Calonguali, Vavayela, Cacuito, Cangalo, Cussola, Catemo, Cuchi, este último faz fronteira com o município do Chinguar. Existem lagoas de grande importância como da Chicava I, II e III e do Orto.

A densidade territorial e populacional de cada uma das comunas do município do Cuito é apresentada no quadro que se segue:

Quadro nº 1. População Total Por Divisão Administrativa do Município do Cuito¹⁹

Município/ Comunas	População
Comuna Sede	836.265
Comuna Cunje	70.824
Comuna Trumba	15.751
Comuna Cambândua	25.000
Comuna Chicala	26.160
Total	974.000

Fonte: Administração Municipal do Cuito

Historicamente, a sede capital da província actual cidade do Cuito, que também é sede do mesmo município com o mesmo nome. Foi fundada no ano de 1771, na época do Governador da Província Ultramarina de Angola, Dom Inocêncio de Sousa Coutinho Júnior. É uma evolução da povoação original que se chamava Amarante, fundado pelo padre Gonçalo de Silveira por volta do ano 1771, depois passou para Belmonte, e mais tarde Silva Porto, em memória ao sertanejo português, pela sua contribuição a ocupação desta parcela do então reino *Viye*, depois pelos portugueses. Em 31 de Agosto de 1925 com a criação do Distrito do Bié, povoação foi elevada a categoria de Vila, sob proposta desta vila e através do diploma legislativo nº740, de 31 de 1935, a vila foi elevada a categoria de cidade (cf. Direcção Provincial da Cultura da Província do Bié).

O topónimo Cuito tem origem na Língua Umbundu. Há duas versões para o significado desta palavra. Uma diz que Cuito provem de “*vakutiwa Kwi*” que em Português

Administração Municipal do Kuito - Comuna da Chicala. “*Monografia Comuna da Chicala*”. 2010; Administração Municipal do Kuito - Comuna do Kambândwa. “*Monografia Comuna da Kambandwa*”. 2010).

¹⁹ É importante sublinhar que o número de habitantes de cada comuna é um dado aproxima, na medida em este os resultados preliminares do recenseamento geral da população e da habitação de Angola 2014 não constam.

significa “amarados fortemente”. Conta-se que o Rei Ekwikwi no município do Bailundo devido as guerras mandara rusgar homens que se encontravam na região do Bié para ir ao combate no município do Kwanza Sul – Wako Kungo. Todavia, os homens que eram apanhados na região do Bié eram amarrados ao longo do rio até que se completasse o número que o rei pediu. As mulheres quando iam levar o alimento aos seus maridos que se encontravam amarrados, quando viam aquilo estava acontecer choravam, gritavam dizendo “*soma Ekwikwi wakutula alume vetu voviti kwi*” ou seja “*alume vosi vakutiwa mwele kwi*” traduzido em Português “o soba Ekwikwi amarou os nossos maridos nas árvores do rio” ou seja “os homens todos foram amarados fortemente”. Facto este, que levou os ovimbundu nomear o rio por *kwitu*, para lembrar que *Kwitu*, que significa “kwi” fortemente e “tu” todos.

A segunda versão diz que Cuito significa “lugar de carne” ko-lugar e ositu-carne (cf. Boletim do Instituto de Angola nº 14, 1960).

2.2.1. Situação Linguística

Para além do Português, a maioria dos munícipes do Cuito têm como língua materna a Língua Umbundu, principalmente a faixa etária juvenil, enquanto o Português é língua segunda para a maioria dos ovimbundu.

Não obstante, o Cuito é um mosaico de vários sistemas linguístico nomeadamente a Língua Ngangela e Cokwe, para além do Português e do Umbundu.

Hoje, no Cuito já verificamos o interesse em falar e ensinar as Línguas Bantu, nomeadamente a Língua Umbundu, que já foi inserida no sistema de ensino, isto é, no II Ciclo do Ensino Secundário e no Ensino Superior, o que antes não era uma prática.

2.3. As Línguas Bantu

2.3.1. Alguns Dados Preliminares

Os bantu são os povos que maioritariamente vivem em Angola, actualmente.

No dizer de Redinha (1969, p. 5) os Bantos, designação linguística, de carácter étnica, constituem um aglomerado de populações mais ou menos diferenciados entre si, em que retiram o seu nome do tipo particular da língua que falam. Por esse motivo, a sua classificação apresenta-se dum critério fundamentalmente linguístico. Eles têm sido realmente definidos, simplesmente, como um grupo de povos que se servem de qualquer forma da raiz *ntu*, para

qualificar as pessoas humanas. Essa raiz como o prefixo do plural **ba**, forma o conjunto *bantu*, e daí as formas **Bantu** ou **Banto** que os designa²⁰.

Segundo Kukanda (1986, p. 6), *bantu* «designa todas as línguas faladas do sul dos Camarões até à África do Sul, que têm semelhanças fonéticas, morfológicas, semânticas e lexicais».

Os actuais povos que vivem em Angola são os bantu vindos da região de Camarões. Silva (1997 apud Zau 2002, p. 38) diz que:

“Os bantu, vindos da região de Camarões, progrediram lentamente pela África Central, Oriental e Austral. A migração destes primeiros agricultores, no espaço de Angola, tomou três direcções a saber: pelo norte, descendo os rios e a costa, atravessando o Baixo Zaire; pelo Oriente e pelo nordeste, ao longo do Zambeze e do Planalto do Catanga e, finalmente, pelo sul, desde o norte do Calahari até às terras do Sudoeste de Angola”.

Relativamente a população actual de Angola encontramos os seguintes grupos etnolinguísticos: Bancongo, Ambundo, Lunda – Quioco, Ovimbundu, Ganguela, Nhaneka – Humbe, Ovambo, Herero e Okavambo, todos de origem Bantu, distribuídos cada um destes grupos em subgrupos, (cf. Péliissier 1986 apud Zau, 2002, p. 38). Portanto, deve acrescer-se que, por outro lado, há ainda a assinalar alguns exemplos de população não Bantu, como os Koishan, que após a invasão dos Bantu, se viram arredados de uma parte considerável do território, confinando-se em pequenas bolsas, nas áreas leste e sul do país (cf. Zau, 2002, p. 39).

2.3.2. Classificação das Línguas Bantu

A classificação das Língua Bantu foi feita por vários investigadores, entretanto, encontramos várias acepções.

Segundo Ngunga (2004, p. 26) diz que:

“Greenberg (1963) apresenta em classificação revista, as línguas africanas em quatro grandes famílias, identificando em cada uma delas as suas subfamílias que variam em número de uma família para outra”.

Assim, apresentamos as quatro grandes famílias linguísticas:

- a) Afro-asiática: tem as seguintes subfamílias - Semítica, Egípcia, Cushítica, Berber e Chádica;

²⁰ O termo Bantu foi introduzido em 1862 por W. H. Bleek.

- b) Nilo-sahariana: tem as seguintes subfamílias – Songhai, Sahariana, Maban, Fur, Chari-Nilo, Koman;
- c) Congo-Kordofaniana: tem as seguintes subfamílias – Niger-Kongo, e Kordofaniana;
- d) Khoi e San: tem as seguintes subfamílias – Khoi, San, Sandawe, Iraqw, Hata ou Hadza.

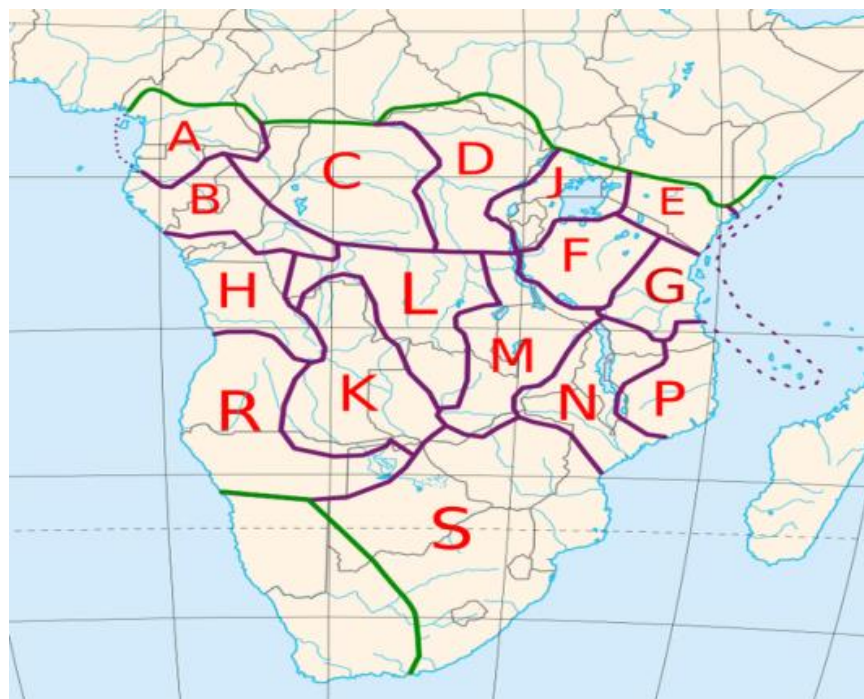
Doke (1954) propôs uma classificação das Línguas Bantu baseada em quatro elementos que são: zonas, grupos, língua ou conjunto de dialectos e dialectos. Assim, no índice numérico, os primeiros dois algarismos representam o código dos grupos e das línguas ou conjunto de dialectos, se houver, são representados por símbolos alfabéticos. Todavia, as letras “I” e “O” não são usadas na indexação dos dialectos para não se confundir com “1” e “0” (cf. Ngunga, 2004, p. 37).

A classificação que Doke fez, quase se aproxima na classificação de Malcolm Guthrie, que teve a sua primeira versão em 1948, classificação esta que mais usada até hoje.

Segundo Castro (2005, p. 29) diz que:

“ [...] Guthrie, sua classificação “classificação prática” como ele a denomina, repousa em base tipológica, no sentido em que as unidades são constituídas na base da existência de traços linguísticos comuns e da proximidade geográfica”.

As línguas foram agrupadas em 15 zonas codificadas por letras maiúsculas, a saber: A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S.



Mapa n° 2. Zonas das Línguas Bantu, segundo Guthrie²¹

²¹ cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bantas#mediaviewer/File:Bantu_zones.png

Quadro nº 2. Zonas, Países e Línguas Onde são Faladas

Zonas	Países onde são faladas	Línguas
A	Camarões, Guiné Equatorial, parte do Gabão	Dula, fangue.....
B	Gabão ao Congo-Kinshansa, passando pelo Congo-Brazzaville	Anjico, betê, tequê..
C	Nordeste do Congo-Kinshansa, estendendo-se ao Congo-Brazzaville	Gombê, tetela
D	Nordeste do Congo	Bembe, conjo....
D-E ou J	Nordeste do Congo Kinshasa, Ruanda, Burundi, Uganda, parte da Quênia e da Tanzânia	ruanda-rundi, maçaba...
E	Maior parte do Quênia e norte de Tanzânia	Camba, curia....
F	Sul do Lago Vitória, na Tanzânia	Tongue, sucuna...
G	Centro da Tanzânia e na Costa Oriental	Suaíle, xambala...
H	Sul do Congo-Brazzaville, sudoeste do Congo-Kinshansa, noroeste de Angola	Kikongo, Kimbundu, jaga, imbala.
K	Nordeste de Angola, prolongamento no Congo-Kinshasa, com prolongamento em Zâmbia	Kyoko, pende.....
L	Grupo Luba, centro sul do Congo-Kinshansa, com prolongamento em Zâmbia	Songa, luba, lunda....
M	Zâmbia, com prolongamento em Tanzânia, Congo-Kinshansa e Malavi	Bemba, tonga.....
N	Malavi, com prolongamento na Tanzânia	Nianza, manda....
P	Costa Oriental, Moçambique, Tanzânia e Malavi	Macua, maconde....
R	Sul de Angola, Namíbia, com prolongamento para Botswana	Umbundu, herero, Kwanyama
S	Moçambique, Zimbábue, Lesoto, África do Sul	Xona, ronga, zulu

cf. Castro, 2005, p. 30

2.3.2.1. A Língua Umbundu na classificação das Línguas Bantu

O grupo etnolinguístico Ovimbundu, é o grupo mais homogêneo e mais numeroso. Calcula-se que o seu número corresponde a 1.500.000 pessoas, e esse povo tem como língua materna Umbundu (Zau, 2002, p. 62).

A Língua Umbundu é uma das línguas mais importante centrais de Angola, falada no planalto central (cf. Fernande & Ntondo, 2002, p. 55).

O termo “ovimbundu” tem três acepções nomeadamente, *i*) o termo “ovimbundu” deriva da evolução semântica do termo muntu (*munthu*) que em diversas expressões linguísticas africanas, assume o significado de pessoa; *ii*) o termo “ovimbundu” tem a ver com o termo umbundu (*mbu*) que é uma partícula adjectivante que designa a qualidade do que é preto, negro ou escuro; *iii*) o termo “ovimbundu” denota as táticas de guerra, cuja fúria bélica se fazia notar à distância através da “nuvem de poeira” (*ombundu*), do qual se juntavam medonhos gritos e comandos de ataques que só por si eram suficientes para amedrontar o inimigo ou pô-lo em fuga, razão pela qual, alguns autores chamam-lhe de “povo de nevoeiro” (cf. Malumbu, 2005, pp. 57-58 e Wheeler, 2011, p. 34).

A Língua Umbundu faz fronteira a Leste com a Língua Cokwe na província do Moxico, a Norte com a Língua Kimbundu na província do Kwanza Sul, a Sul com as Línguas Olunyaneka Nkumbi e Oshihelelo na província da Huila, a Língua Ngangela na província do Kwando Kubango e a Língua Oshikuvale na província do Namibe. Segundo a sua área de difusão engloba três (3) províncias: Benguela “Mbengela,” Bié “Viye” e Huambo “Wambu”. Entretanto, o Umbundu estende-se por outras províncias vizinhas como é o caso da província do Namibe, parte nordeste do Cuando Cubango, Huila e a parte Sul da província do Kwanza Sul (cf. Fernandes & Ntondo, 2002, p. 55).

O Umbundu pertence à zona **R**, incluindo a Língua Oshiwambo (Oshikwanyama e Oshindonga), a Língua Oshihelelo (Oshikuvale), e a Língua Olunyaneka (cf. Fernandes e Ntondo, 2002, p. 9).

Segundo Guthriel (1967), apud Fernandes e Ntondo (2002, p. 93), as Línguas Bantu identificadas, repartem-se em três zonas linguísticas cobrindo assim todo o território nacional²², a saber:

- Zona H: reúne as línguas das regiões Noroeste e Centro, nomeadamente Kikongo e Kimbundu.
- Zona K: engloba as línguas das regiões Nordeste e Leste, nomeadamente Cokwe, Ngangela.

²² O território Nacional a que se refere é o território de Angola

- Zona R: engloba todas as línguas faladas na região central, Sul e Sudoeste, nomeadamente Olunyaneka, Oshihelelo (Oshikuvale), Oshiwambo (Oshikwanyama e Oshindonga) e Umbundu.

Mapa nº 3. Grupos Etnolinguísticos de Angola²³



2.3.2.2. Características Gerais da Língua Umbundu

As Línguas Bantu e, em particular a Língua Umbundu, apresentam características que lhe são próprias. Tal estudo, isto é, segundo Mudiambo (2013, p. 98), o estudo das línguas bantu integra-se no âmbito da Etnolinguística, termo que contém duas noções fundamentais: **etnia** e **língua**. A **etnia** tem origem no grego **ethnos** que designa povo, nação, grupo de

²³ In Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, *Mapa Etnolinguístico de Angola* (adaptado), apud Fernandes, J.; Ntongo, Z. (2002:57). *Angola: Povos e Línguas*, Luanda: Editorial Nzila.

indivíduos que pertencem à mesma cultura (mesma língua, mesmos costumes) e que se reconhecem como tal.

Assim, as Línguas Bantu apresentam as seguintes características (Théophile, 1985 *apud* Mudiambo 2013, p. 98)

- Os nomes são caracterizados pela **prefixação** dos morfemas flexionais.
- As Línguas Bantu apresentam um **sistema de classes**, caracterizado por vários prefixos nominais, que indicam o singular e o plural. Cada classe tem um número;
- Os nomes são classificados em função dos seus **prefixos** do singular e do plural;
- A utilização de **tons** no interior de um mesmo significante permite opor duas unidades na maioria das Línguas Bantu. O tom imprime uma variação às unidades lexicais, resultando daí um sentido diferente, mas num contexto fonético idêntico: *lumbu* (dia), *lumbu* (família).
- O sistema vocálico é **simétrico**: comporta uma vogal central [a], duas vogais anteriores [i], [ɛ] e duas vogais posteriores [u], [ɔ];
- O sistema consonântico comporta **pré-nasais**, ou seja consoantes orais precedidas de consoantes nasais, formando grupos indivisíveis;
- Inexistência de artigos.
- As palavras na Língua Umbundu começam por vogal ou consoante, mas terminam sempre em vogais (cf. Nascimento, 1894, p. 2)
- Em Umbundu não há palavras que terminem em consoante (Valente, 1964, p. 27)

Estudos realizados por vários pesquisadores mostram que o Umbundu é uma língua aglutinante. De acordo Epuka (2011, p. 10) afirma que, a aglutinação é o processo de formação de palavras por composição, fundindo duas ou mais palavras numa só²⁴.

Na forma aglutinante, encontramos quase todos os elementos fundamentais da oração e os complementos. Exemplo:

Katwopondisile "*não o mandamos matar*" ka-tu-a-u-pond-is-el-e onde:

Quadro nº 3. Segmentação

ka-	tu-	a-	u-	pond-	is-	el-	e
adv.ng	índ.suj	Format.	índ. o.i	radical	causat.	aplicat.	v.final

Existem regras no funcionamento das línguas, tendo cada língua as suas especificidades. Todavia, o Umbundu caracteriza-se fonologicamente pela presença de vogais nasais. Como podemos observar nos seguintes exemplo: *omolã* “criança”, *omoma* “jiboia”, *okulēla* “engordar”, *uvĩ* “feito” etc.

²⁴ cf. José Ribeiro da Cruz, Notas de Etnografia Angolana. Lisboa – 1940, pp. 10-11.

2.3.2.3. O Alfabeto da Língua Umbundu

É de salientar que, o Instituto Línguas Nacionais, propôs o alfabeto da Língua Umbundu; “considerando que o alfabeto proposto pelo Instituto de Línguas Nacionais, resultante das investigações efectuadas sobre o sistema fonológico da respectiva língua, assentando essencialmente sobre a equivalência um símbolo gráfico para cada fonema, correspondem mais fielmente a realidade fonológica da mesma²⁵”.

O alfabeto da Língua Umbundu é composto pelas letras: **a, mb, nd, c, e, f, h, ng, i, k, l, m, n, o, p, s, t, u, v, w, y**²⁶. Entretanto, não são usadas as letras: **qu, r, x, e z**. A letra **r** é substituída por **l** (hora = *ola*);

- o grafema /**c**/ equivale ao fonema [tʃ]
- o dígrafo /**qu**/ é substituído por /**k**/
- os grafemas /**ss/ç**/ equivalem ao fonema [s]
- o dígrafo /**nh**/ é substituído por /**ny**/.

A Língua Umbundu, não tem fonemas consonânticos oclusivos sonoros, apenas sons surdos. Os fonemas sonoros são substituídos pelos pré- nasais /**mb**/, /**nd**/ e /**ng**/ . Excepto as fricativas [f], [v] no modo de articulação, apresentam a oposição surdo-sonora.

As consoantes labiais nasalizadas são sempre precedidas por **m** e **n**, e a consoante palatal /j/ é antecedida de “**nd**”, resultando num dígrafo “**ndj**”²⁷. Exemplos: **Ombolo** (pão), **Ondombe** (bagre), **Ongolo** (joelho), **Ondjila** (caminho).

Na Língua Umbundu, as palavras começam com uma vogal que é “chamada de *aumento*, que precede sempre o prefixo nominal em todas as classes excepto na classe cinco (5), onde a vogal (*e*) desempenha, simultaneamente, a função de aumento e de prefixo²⁸”. Exemplos: **Olwi** (rio), **ombembwa** (paz), **owato** (canoa), **etemo** (enxada).

²⁵ cf. Diário da República, Série nº 41: Concelho de Ministros: Resolução nº 3/87 de 23 de Maio.

²⁶ cf. Secretaria do Estado da Cultura – Instituto de Línguas Nacionais, Boletim nº 1, Alfabetos das Línguas Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe, Mbunda, Oxikwanyama. Luanda - 1987.

²⁷ cf. P. José Francisco Valente, C. S. Sp., Gramática Umbundu (A língua do Centro de Angola). Lisboa – 1964, p. 23.

²⁸ cf. João Fernandes e Zavoni Ntongo. Angola: Povos e Línguas. Edição Nzila, 1ª edição: Abril/2002, p.89.

2.3.2.2.1. Aspectos Fonológicos das Vogais e das Consoantes da Língua Umbundu

2.3.2.2.1.1. Aspectos Fonológico das Vogais

Quadro nº 4 - Quadro Fonológico das Vogais em Umbundu

Grau de Abertura	Ponto de Articulação					
	Anterior		Centrais		Posterior	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
1º	[i]	[ĩ]			[u]	[ũ]
2º	[e]	[ẽ]			[o]	[õ]
3º			[a]	[ã]		

O quadro apresenta os fonemas vocálicos em Umbundu, onde encontramos vogais anteriores do primeiro grau, de abertura fechada [i]; [ĩ], vogais do segundo grau semifechado [e]; [ẽ], vogais centrais [a]; [ã] que são do quarto grau, abertas, vogais posteriores do primeiro grau [u]; [ũ] de abertura fechada e vogais do segundo grau, semifechadas [o]; [õ]. Em Umbundu, para além das vogais orais (a, e, i, o, u), funcionam também as vogais nasais (ã, ã, ã, ã, ã). O Umbundu caracteriza-se pela nasalização total das vogais e os seus locutores tendem a reproduzir essas características no Português, tal como demonstra o exemplo: *Hêla* "amanhã" a vogal nasal influência de igual modo a vogal posterior.

As vogais na Língua Umbundu não são completamente abertas como em Espanhol, nem muito fechadas como o podem ser “a-e-o” em Português (cf. Valente, 1964, p. 22).

Quanto à ditongação, Valente (1964, p. 36) afirma que “a grafia fonética faz transformar o “e” final em “i – y”, o “o” em “w”, originando ditongo com a vogal seguinte.

Exemplos:

- *Ame ulo*, “eis-me aqui” ; > *amyulo* ou ainda *amilo*.

- *Ulo ale*, “cá está”; > *ulwale*.

- *Watunda oko ale*, “foi”; > *Watundakwale*.

Por outro lado, a vogal /o/ não tem o som de /u/, independentemente da posição em que se encontra.

2.3.2.2.1.2. Aspectos Fonológicos das Consoantes em Umbundu

Quadro nº 5. Quadro Fonológico das Consoantes em Umbundu

	Ponto de Articulação			
Modo de Articulação	Labiais	Dentais	Palatal	Velar
Oclusiva	[p]	[t]	[c]	[k]
Fricativa	[f] [v]	[s]		[h]
Nasal	[m]	[n]	[ny]	[ŋg]
Lateral		[l]		
Semivogal	[w]		[y]	
Pré-nasal	[mb]	[nd]	[ndj]	[ng]

O quadro fonológico das consoantes de acordo com o ponto de articulação temos; 6 sons labiais, 5 dentais, 4 palatais e 4 velares. Segundo o modo de articulação temos 4 oclusivas, 4 fricativas, 4 nasais, 1 lateral, 2 semivogais, e 4 pré-nasais.

2.4. Prefixos da Língua Umbundu

Quadro nº 6. Prefixos da Língua Umbundu²⁹

Nº de Classe	Prefixo substantival
1	omu-, u-
1 _a	Ø-
2	oma-, a-, ova-
2 _a	va-
3	u-
4	ovi-
5	e-, i-
6	a-, ova-
7	oci-
8	ovi-
9	Ø-

²⁹ cf. João Fernandes & Zavoni Ntongo. Angola: Povos e Línguas. Edição Nzila, 1ª edição: Abril/2002, p 75.

10	olo-
11	olu-
12	oka-
13	otu-
14	u-
15	oku-
Classes locativas	-----
16	ko-, ki-
17	Ko-, po-
18	Vo-

2.4.1. Descrição do Valor Semântico e o Valor Numérico dos Prefixos da Língua Umbundu

2.4.1.1. Descrição do Valor Semântico dos Prefixos da Língua Umbundu

Segundo Ntongo (2014, p.115) diz que:

“As classes têm afinidades evidentes com os diferentes tipos de conceitos. Contudo, as classes 1 e 2 são as únicas mais estáveis, pois enfermam substantivos que apenas indicam seres humanos, embora alguns substantivos com significado se encontrem em outras classes”.

Para Guennec e Valente (2010),

“cada classe tem, pois, o seu significado específico, exprime um conceito e sintetiza uma ideia, ideia esta que pode ser genérica (no modo como o ser é encarado) no singular, e esmiuçada no plural, ou vice-versa”.

Assim, passamos a apresentar o valor semântico dos prefixos na Língua Umbundu.

Prefixos das classes 1 e 2

Os prefixos nominais da classe 1 apresentam duas variantes: “**omu-**” e “**u-**” (**omo-** perante a vogal “o”). Os prefixos da classe 2 apresentam também duas variantes “**oma-**” e “**a-**”. Os prefixos da classe 1 designam os nominais do singular e os da classe 2 designam os nominais do plural e todos eles são ligados ao conceito dos “seres humanos” (cf. Epuka 2011, p. 14).

Quadro nº 7

Singular		Plural	
Classe 1 omu- / u-		Classe 2 oma- / a-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Omunu	Pessoa	Omanu	Pessoas
Omolã	Criança	Omalã	Crianças
Ukãyi	Mulher	Akãyi	Mulheres
Ufeko	Moça	Afeko	Moças
Uveli	Primogénito	Aveli	Primogénitos
Ulongisi	Professor	Alongisi	Professores
Ungombo	Pastor	Angombo	Pastores

Classe 1a e 2a.

Estas classes designam o grau parentesco segundo a noção de desclassificação todos os nominais que marcam o grau de parentesco, pertencem as classes **1a** e **2a**. Muito destes nominais têm prefixo zero na classe **1a** no singular (cf. Ntongo, 2006, p. 32).

Quadro nº 8

Singular		Plural	
Classe 1a) ø-		Classe 2a) va-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
ømandji	Irmão	Vamandji	Irmãos
øpalume	Primo	Vapalume	Primos
øndatembo	Sogro	Vandatembo	Sogros
ønekulu	Neto	Vanekulu	Netos
øPahãyi	Tia	Vapahãyi	Tias
øNdombwa	Noiva	Vandombwa	Noivas
ØSandombwa	Noivo	Vasandombwa	Noivos

Classes 3 e 4

Compreende os nomes de objectos na sua generalidade, partes do corpo humano, nomes de árvores, (cf. Nascimento, 1894, p. 13).

Quadro nº 9

Singular		Plural	
Classe 3 ;u-		Classe 4; ovi-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Utwe	Cabeça	Ovitwe	cabeças
Uti	Árvore	Oviti	Árvores
Usongo	Flecha	Ovisongo	Flechas
Ukanda	Carta	Ovikanda	Cartas
Ula“	Cama	Ovola	Camas

Classes 5 e 6

Prefixos que reúnem conceitos que agrupam algumas partes do corpo humano, certos objectos, nomes de parentesco; frutas, pequenos animais selvagens; répteis, líquidos e tubérculos (cf. Epuka, 2011, p. 16).

Quadro nº 10

Singular		Plural	
Classe 5; e –/i -		Classe 6; a –/ova –	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Imo	Barriga	Ovamo	Barrigas
Ewe	Pedra	Ovawe	Pedras
Ehondyo	Banana	Ahondyo	Bananas
Etosi	Gota	Atosi	Gotas

Classe 7 e 8

Nestas classes reúnem-se os conceitos de alguns nomes dos seres humanos, partes do corpo humano, insectos, animais domésticos, selvagens e aquáticos; alguns tubérculos, e objectos diversos (cf. Epuka, 2011, p. 17).

Quadro nº 11

Singular	Plural
Classe 7: Oci –	Classe 8: Ovi –

<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Ocingumba	Ladrão	Ovingumba	Ladrões
Ocimbyambyulu	Borboleta	Ovimbyambyulu	Borboletas
Ocimbungu	Lobo	Ovimbungu	Lobos
Ocitupi	Bode	Ovitupi	Bodes

Classes 9 e 10

Estas classes reúnem conceitos de animais domésticos e selvagens, grandes e pequenos, insectos, répteis e algumas aves, partes do corpo humano e alguns nomes dos seres humanos, bem como alguns objectos e líquidos. (cf. Rev. H. Etaungo Daniel, 2002 apud Epuka, 2011, p. 17).

Quadro nº 12

Singular		Plural	
Classe 9; Oø-		Classe 10; olo-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Ongwe	Onça	Olongwe	Onças
Ondjila	Pássaro	Olondjila	Pássaros
Ongolo	Joelho	Olongolo	Joelhos
Omango	Cadeira	Olomango	Cadeira

Classe 11 e 10

Estas classes indicam conceitos de algumas partes do corpo humano, alguns objectos, insectos, frutas e líquidos (cf. Epuka, 2011, p. 18).

Quadro nº 13

Singular		Plural	
Classe 11: olu –		Classe 10: olo – e 6: a -	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Olumati	Costela	Olomati	Costelas
Oluhengo	Ameixa	Olohengo	Ameixas
Oluhamwe	Mosquito	Olohamwe	Mosquitos

Classe 12 e 13

Estas classes reúnem os diminutivos que encontramos em todos conceitos dos nominais, “também, indica nomes próprios ou comuns [...]”³⁰ (cf. Epuka, 2011, p. 18).

Quadro nº 14

Singular		Plural	
Classe 12: oka-		Classe 13: otu -	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Okamolã	Criancinha	Otumalã	Criancinhas
Okalenge	Gatinho	Otulenge	Gatinhos
Okawe	Pedrinha	Otuwe	Pedrinhas
Okambya	Panelinha	Otumbya	Panelinhas

Classe 14 e 6

Prefixos que indicam um conceito de abstracção que formam o seu plural, partindo do singular da classe 14 com a classe 6 no plural (cf. Epuka, 2011, p. 18).

Quadro nº 15

Singular		Plural	
Classe 14; u –		Classe -6; ova –/a –	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Ulima	Ano	Alima	Anos
Uveyi	Doença	Ovoveyi	Doenças
Uvala	Casamento	Ovovala	Casamentos

Classe 15 e 4 ou 6

Estas classes fazem parte dos verbo-nominais e reúnem os conceitos que indicam as partes do corpo, e verbos que marcam o seu infinitivo, nomes deverbativos (cf. Fernandes e Ntongo, 2002, p. 78).

Quadro 16

Singular	Plural
Classe 15; oku-	Classes 4 ovi-, 6 ova-/ 8 ovi-

³⁰ cf. P. José Valente C. S. Sp. Gramática Umbundu (Língua do Centro de Angola). 1964 - Lisboa.

<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Okulila	Chorar	-----	-----
Okwenda	Andar	-----	-----
Okulya	Comer	-----	-----
Okulya	Comida	Ovilya	Comidas
Okutwi	Orelha	Ovatwi	Orelhas
Okwokwo	Braço	Ovoko	Braços
Okulu	Pé	Ovolu	Pés

Classe 16, 17 e 18

Os prefixos da classe **16** “**ko-** / **ki-**”, da classe **17** “**ko-/po-**” e os da classe **18** “**vo-**”, são prefixos dos locativos onde:

- A classe 16 indica superfície; ex: *Elonga likasi komesa* “o prato está na mesa” ou *Elonga likasi kilu lyomesa* “o prato está em cima da mesa”.
- A classe 17 indica a direcção; ex: *Ndenda kondjo* “Vou a casa”, ou *Ndikasi ponele yondjo* “estou ao lado de casa”,
- A classe 18 indica interioridade ex: *Ndañgilã vondjo* “entrei em casa”.

2.4.2.2. Valor Numérico dos Prefixos da Língua Umbundu

O valor numérico que aqui se refere, é a participação na oposição de singular/plural, isto é, comutando os prefixos em função dos contextos (cf. Ntondo, 2014, p. 116).

Exemplo: *Uti* / *Oviti* “árvore/s”, *elonga* / *alonga* “prato/s”.

2.5. Derivativos Substantivais

Os derivativos substantivais dividem-se em:

2.5.1. Derivação Prefixal por Substituição

Na Língua Umbundu, o processo de substituição permite a formulação do aumentativo e o diminutivo através da comutação de prefixos de classes (cf. Laurindo, 2012, p. 21). A fórmula seguinte ilustra a estrutura:



Exemplo com os topónimos: **Cindombe** - “oci-” Ps cl. 7, “-ndombe” radical, “peixe grande”. **Katemo** - “oka-” Ps cl. 12, “-temo” radical, “pequena enxada”.

2.5.2. Derivação Prefixal por Adição

A derivação prefixal por adição permite obter substantivos aumentativos e diminutivos através de adjunção de prefixo (cf. Laurindo, 2012, p. 22). Corresponde a seguinte estrutura: “**Ps₂ + Ps₁ + Rd**”. Exemplo com os topónimos: **Cilemba** - “*oci-*” **Ps₂** cl. 7, “*ø*” **Ps₁** “*-lemba*” **radical**, “grande mulembeira”. **Kangombe** - “*oka-*” **Ps₂** cl. 12, “*-ø-*”, “*-temo*” **radical**, “pequena boi”.

3. METODOLOGIA DO TRABALHO

3.1. Constituição do Corpus

A elaboração deste trabalho foi baseada na formação de um corpus que foi constituído pelas informações e/ou dados recolhidos nos órgãos oficiais como o Ministério da Administração do Território, que têm como função “elaborar e implementar normas sobre a divisão política e administrativas, nomes geográficos, organização territorial, toponímia e cartografia de base³¹”.

Concomitantemente, as Administrações locais nomeadamente a administração do município do Cuito, comunas de Cunje, Sede do Cuito, Trumba, Chicala e Cambandua, que tem dentre outras atribuições, organizar e gerir a província, os municípios e as suas respectivas comunas; a Comissão Municipal Eleitoral do Cuito, o Departamento de Estatística da Educação do Município do Cuito, a Repartição Municipal de Saúde do Cuito, a Direcção Provincial da Cultura do Cuito, o Instituto Geográfico Cadastral de Angola, e o Serviço Provincial do Instituto Nacional de Estatística do Cuito.

Assim, estas instituições forneceram-nos os seguintes documentos: mapas de listas onde estão grafados os topónimos, mapas cartográficos com a escala de 1:50.000, 1:60.000 e 1:100.000 e as monografias das respectivas comunas. Nestes mapas de listas, mapas cartográficos e perfis, constatamos a variação gráfica dos topónimos, assim como o aportuguesamento e umbundização dos topónimos.

Através da investigação toponímica, foi possível conhecer a origem das denominações e identificar os factores que levaram a atribuição de nomes de lugares. Como afirma Dick 1996, p. 12):

“ sabe-se que a toponímia é a disciplina que caminha ao lado da História, servindo-se dos seus dados para dar legitimidade a topónimos de um determinado contexto regional, inteirando-se da sua origem para estabelecer as causas motivadoras, num espaço e tempo preciso, procurando relacionar um nome ao outro, de modo que, da distribuição conjunta, se infira um modelo onomástico dominante ou vários modelos simultâneos”.

Para isto, fizemos uma entrevista junto das entidades tradicionais como os sobas, anciãos para sabermos dentre os várias assuntos levantadas como a origem do topónimo, significado, a motivação da nomeação etc.

Também foi de fundamental importância a leitura do livro de José Leite Vasconcellos, Opúsculos – Vol. III: Onomatologia em 1931, que trata de nomes geográficos, isto é, a sua

³¹ Diário da República de Angola, Iª serie – Nº 2, órgão oficial da República de Angola, p. 26

origem, modo de formação toponímica e a classificação destes nomes; a classificação que Dick fez, citado por Di Tizio tal como fizemos referência na fundamentação teórica. A obra de Carlos Estermann constitui também um estudo pioneiro relacionado com a toponímia em sua obra “*Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro) Colectânea de Artigos Dispersos*” de 1983.

3.1.1. Materiais e Métodos de Recolha de Dados

Partindo do pressuposto de que a pesquisa toponímica pode ser realizada por meio de fontes documentais como mapas topográficos, documentos oficiais e através de pesquisa de campo, nesta pesquisa também fizemos recurso a esses meios supracitados. Assim, a recolha dos dados foi feita com alguns materiais como gravador a gravação áudio; o suporte fotográfico – meio que nos ajudou para recolher algumas informações que se encontram nos letreiros e cartazes afixadas; a entrevista – foi uma técnica usada para a colecta de dados junto dos mais velhos, que nos passaram informações relacionadas com o assunto em estudo, e que constituiu a forma principal e privilegiada na compilação de informações do material a estudar. A pesquisa de campo e o procedimento semasiológico – (processo semântico) ajudou-nos a procurar a significação do topónimo.

3.1.2. Análise e Tratamento dos Dados

Os dados recolhidos, depois foram transcritos ortograficamente, com ajuda do programa *Microsoft Word*. O registo e a posterior transcrição dos dados recolhidos constituem o corpus linguístico desta investigação.

No inventário toponímico realizado nas cinco (5) comunas, foram seleccionados cem (100) topónimos, grande parte deles com origem na Língua Umbundu, que guardam a memória histórica deste povo. Portanto, optou-se pela exclusão de outros nomes recolhidos para futuros trabalhos a serem desenvolvidos.

3.1.2.1. Classificação dos Topónimos

Quadro nº 17. Classificação dos Topónimos

Nº	Comuna	Tipo de Localidade	Topónimo	Língua/ Origem	Classificação	Estrutura do Topónimo
1	Cuito	Comuna	Cuito	L.U	Dirrematopónimo	Simples
2	Cuito	Bairro	Ilha	L.P	Etnotopónimo	“ “
3	“ “	Bairro	Catraio	L.P	Antropotopónimo	Simples
4	“ “	“ “	Cantiflas	L.P	“ “	“ “
5	“ “	“ “	Hoji-ya-Henda	L.K	Antropotopónimo	“ “
6	“ “	“ “	Cangoti	L.U	Fitotopónimo	“ “
7	Cuito	Bairro	Dongua	“ “	Antropotopónimo	Simples
8	“ “	“ “	Castanheira	L.P	“ “	“ “
9	“ “	“ “	Calonuima	L.U	Somatopónimo	“ “
10	“ “	“ “	Catemo	“ “	Dirrematopónimo	“ “
11	“ “	“ “	S. António	L.P	Hagiotopónimo	“ “
12	“ “	“ “	Cambuluku u	L.U	Etnotopónimo	“ “
13	“ “	Sede Rural	Chambanda	L.U	Fitotopónimo	“ “
14	“ “	Sede Rura	Ecovongo	“ “	Dirrematopónimo	“ “
15	“ “	Aldeia	Chongolola	“ “	Antropotopónimo	“ “
16	“ “	“ “	Longulo	“ “	Zootopónimo	“ “
17	“ “	“ “	Chavaia	“ “	Antropotopónimo	“ “
18	“ “	“ “	Tramangolo	“ “	Zootopónimo	“ “
19	“ “	Sede Rural	Jimba Silili	“ “	Dirrematopónimo	“ “
20	“ “	Aldeia	Cangombe	“ “	Zootopónimo	“ “
21	Cunje	Comuna	Cunje	“ “	Dirrematopónimo	“ “
22	“ “	Bairro	Boa vista	L.P	Geomorfotopóni mo	“ “
23	“ “	“ “	Nazaré	“ “	Antropotopónimo	“ “
24	“ “	“ “	A. Neto	“ “	“ “	Composta
25	“ “	“ “	Jamba	L.U	Zootopónimo	Simples

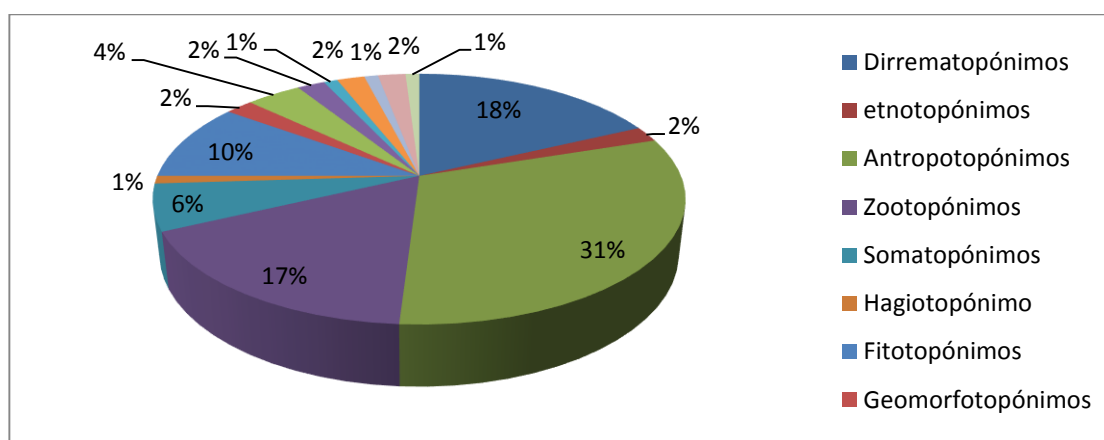
26	“ “	“ “	Etumo	L.U	Hidrotopónimo	“ “
27	“ “	“ “	Caquelewa	“ “	Antropotopónimo	“ “
28	“ “	Embala	Calembe	“ “	Fitotopónimo	“ “
29	“ “	Aldeia	Malanga	“ “	Zootopónimo	“ “
30	“ “	“ “	Chindombe	“ “	“ “	“ “
31	“ “	Embala	Mucumba	“ “	Antropotopónimo	“ “
32	“ “	Aldeia	Calonguali	“ “	Zootopónimo	“ “
33	Cunje	Aldeia	Chilemba	L.U	Fitotopónimo	Simples
34	“ “	“ “	Canganda	“ “	Antropotopónimo	“ “
35	“ “	“ “	Ceilunga	“ “	Fitotopónimo	“ “
36	“ “	“ “	Elumbi	“ “	Axiotopónimo	“ “
37	“ “	“ “	Luasumba	“ “	Hidrotopónimo	“ “
38	Cunje	Aldeia	Vavayela	L.U	Higietopónimo	Simples
39	“ “	“ “	Sanjimbi	“ “	Zootopónimo	“ “
40	“ “	“ “	Chimboto	“ “	“ “	“ “
41	Trumba	Comuna Embala	Trumba	“ “	Dirrematopónimo	“ “
42	“ “	Aldeia	Cassorio	“ “	Fitotopónimo	“ “
43	“ “	“ “	Wongo	“ “	Zootopónimo	“ “
44	“ “	“ “	Ngonga	“ “	“ “	“ “
45	“ “	“ “	Alfredo	L.P	Antropotopónimo	“ “
46	“ “	“ “	Domba	L.U	Zootopónimo	“ “
47	“ “	“ “	Cuanjulula	“ “	Dirrematopónimo	“ “
48	“ “	“ “	Sangongolo	“ “	Antropotopónimo	“ “
49	“ “	“ “	Chilonda	“ “	Geomorfotopóni mo	“ “
50	“ “	“ “	Chianga	“ “	Dirrematopónimo	“ “
51	“ “	“ “	Beleu	L.P	Antropotopónimo	“ “
52	“ “	“ “	Chingango	L.U	Fitotopónimo	“ “
53	Chicala	Comuna Embala	Chicala	“ “	Historiotopónimo	“ “
54	“ “	Aldeia	Cachipa	“ “	Somatopónimo	“ “
55	“ “	“ “	Chijomba	“ “	Historiotopónimo	“ “
56	“ “	“ “	Chilembo	“ “	Antropotopónimo	“ “

57	“ “	“ “	Fátima Quia	L.P+L.U	Antropotopónimo	Híbrida
58	“ “	“ “	Cangumbe	“ “	Zootopónimo	Simples
59	“ “	“ “	Cambulucuta	“ “	Dirrematopónimo	“ “
60	“ “	“ “	Lau - Lau	“ “	Dirrematopónimo	Composta
61	“ “	“ “	Numa	“ “	“ “	Simples
62	“ “	“ “	Cawewe	“ “	Antropotopónimo	“ “
63	“ “	“ “	Bembua	“ “	Aminotopónimo	“ “
64	“ “	“ “	Candondo	“ “	Hidrotopónimo	“ “
65	Chicala	Aldeia	Nequilo	L.U	Antropotopónimo	Simples
66	“ “	“ “	Capiñgala	L.U	Antropotopónimo	“ “
67	“ “	“ “	Kahoco	“ “	Zootopónimo	“ “
68	“ “	“ “	Sobral	L.P	Antropotopónimo	“ “
69	Chicala	Aldeia	Epesse	L.U	Antropotopónimo	Simples
70	“ “	Embala	Caniñgili	“ “	Zootopónimo	“ “
71	“ “	Aldeia	Camawe	“ “	Litotopónimo	“ “
72	“ “	“ “	Cambinga	“ “	Somatopónimo	“ “
73	“ “	“ “	Chiqueleto	“ “	Antropotopónimo	“ “
74	“ “	“ “	Samandele	“ “	“ “	“ “
75	“ “	“ “	Nguaio	“ “	“ “	“ “
76	“ “	“ “	Mucombi	L. Ng	Somatopónimo	“ “
77	“ “	“ “	Cambonge	L.U	Antropotopónimo	“ “
78	“ “	“ “	Chipiapia	“ “	Dirrematopónimo	“ “
79	“ “	“ “	Sindaco	“ “	Antropotopónimo	“ “
80	“ “	“ “	Dumba-Ya-Ngalo	L.Ng	Dirrematopónimo	Composta
81	Cambandua	Comuna	Cambandua	L.U	Somatopónimo	Simples
82	“ “	Aldeia	Hossi	“ “	Zootopónimo	“ “
83	“ “	“ “	Ngulungo	“ “	“ “	“ “
84	“ “	“ “	Cachiva	L.U	Hidrotopónimo	“ “
85	“ “	“ “	Canata Mbango	“ “	Litotopónimo	Composta
86	“ “	“ “	Ngungo	“ “	Zootopónimo	“ “

			Caiombo			
87	“ “	“ “	Yeyele	“ “	Antropotopónimo	Simples
88	Cuito	Aldeia	Cassinda	“ “	“ “	“ “
89	Camban dua	“ “	Ngungo Estrada	L.U+L.P	Hodotopónimo	Híbrida
90	“ “	“ “	Catala	L.U	Dirrematopónimo	Simples
91	“ “	Embala	Sowe	“ “	“ “	“ “
92	“ “	“ “	Dumbo	“ “	Dirrematopónimo	“ “
93	Camban dua	Aldeia	Lomone	L.U	Fitotopónimo	Simples
94	“ “	“ “	Casombo	“ “	“ “	“ “
95	“ “	“ “	Calumbala	“ “	“ “	“ “
96	“ “	“ “	Mandandi	L.P	Axiotopónimo	Simples
97	“ “	“ “	Chifeka Brito	L.U+ L.P	Antropotopónimo	Híbrida
98	“ “	Embala	Etalala	L.U	Dirrematopónimo	Simples
99	Cuito	Bairro	Ngonde	“ “	Antropotopónimo	“ “
100	Chicala	Aldeia	Gombacassi	“ “	Dirrematopónimo	“ “

Dentre os cem (100) topónimos apresentados, no quadro da classificação dos topónimos, verificamos as seguintes percentagens no gráfico nº1.

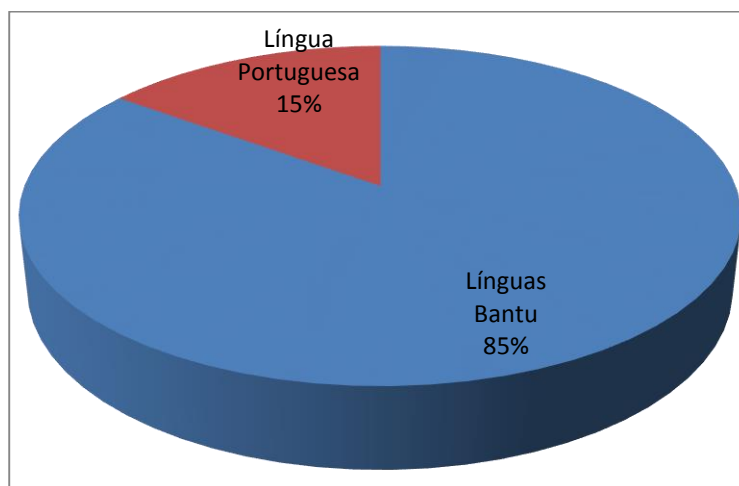
Gráfico nº 1- Classificação dos Topónimos



Verificamos que a maior percentagem é dos antropotopónimos: (31%) total de nomes próprios, apelidos, nomes de plantas e animais atribuídos a pessoas. Seguem-se os dirrematopónimos (18%), os zootopónimos (17%), os fitotopónimos (10%) e os

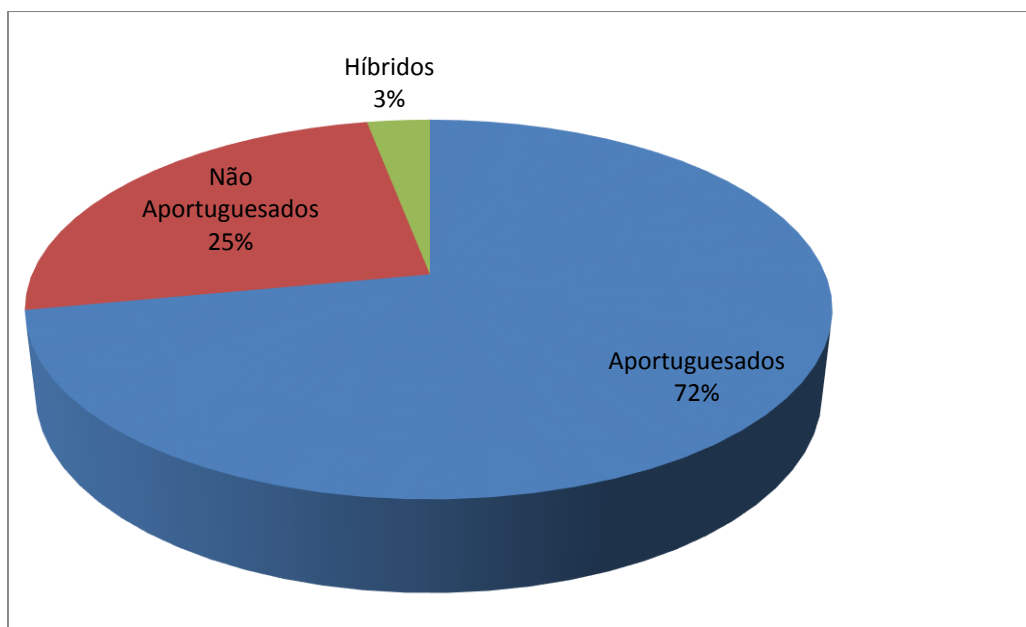
somatopónimos (6%). As demais classes têm baixa frequência, como é possível visualizar no gráfico nº 1.

Gráfico nº 2 - Língua de Origem



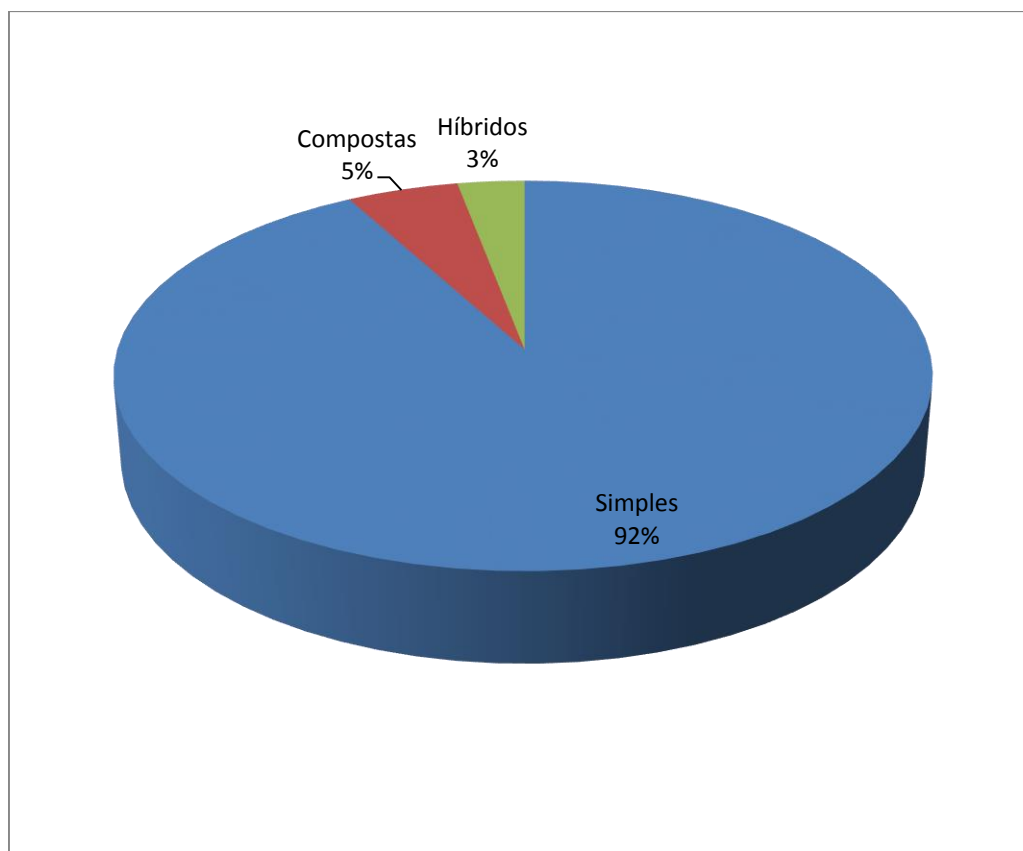
Quanto a língua de origem, verifica-se que são as Línguas Bantu (85%) e a Língua Portuguesa (15%).

Gráfico nº 3 - Caracterização dos Topónimos



No que diz respeito ao contacto de línguas, que consequentemente, resultam em interferências temos topónimos aportuguesados (72%) e topónimos não aportuguesados (25%).

Gráfico nº 4 - Estrutura do Topónimo



Relativamente à estrutura dos topónimos existem as seguintes percentagens: topónimos caracterizados por uma unidades simples (92%), topónimos que são unidades compostas (5%) e topónimos híbridos (3%).

3.2. Descrição Histórica/Linguística de Alguns Topónimos do Município do Cuito

Cuito: é o município sede e rio da província do Bié. O topónimo Cuito tem origem na Língua Umbundu. Há duas versões para o significado desta palavra. Uma diz que Cuito provem de “*vakutiwa Kwi*” que significa “*amarados fortemente*”. Conta-se que o Rei Ekwikwi, no município do Bailundo, devido às guerras mandara fazer uma rusga a homens que se encontravam na região do Bié para irem guerrear no município do Kwanza Sul – Wako Kungo. Todavia, os homens que eram apanhados na região do Bié eram amarrados ao longo do rio até que se completasse o número que o rei pediu. E as mulheres quando iam levar alimento aos seus maridos que se encontravam amarrados, quando viam aquilo que estava a acontecer choravam, gritavam dizendo “*soma Ekwikwi wakutila alume vetu voviti volwi*” ou seja “*alume vosi vakutiwa mwele kwi*” traduzido em Português “*o soba Ekwikwi amarrou os*

nossos maridos nas árvores do rio” ou seja “*os homens todos foram amarrados fortemente*”. Facto este, que levou os ovimbundu a nomear o rio por *kwitu*, para lembrar que *Kwitu*, que significa “*kwi*” fortemente e “*tu*” todos.

Outra versão diz que Cuito significa “[...] lugar de carne, ou seja, lugar abundante em carne em caça, de *ko* que significa lugar e *ositu*, carne” (cf. Boletim do Instituto de Angola nº 14, 1960, p. 106).

Ilha: bairro da comuna sede do Cuito, anteriormente chamado por “*amor de pessoas amadas*”. Ilha significa “*bairro do racismo, bairro sem mistura de raças, isolamento, separação*”. Conta-se que esse bairro era habitado por mestiços, que por sinal não queriam misturar-se com os Portugueses nem com os Ovimbundu.

Catraio: bairro da comuna sede do Cuito. Catraio é o nome próprio do co-fundador desse bairro, natural do Mbala Vipembe no município do Bailundo. Ele era cozinheiro do primeiro Presidente de Angola António Agostinho Neto, em 1949, quando esteve a trabalhar na província do Bié, como enfermeiro.

Cantiflas: bairro da comuna sede do Cuito. Cantiflas é o apelido do nome José Marques, angariador de trabalhadores para as fazendas de café, morto em 15/08/1975; dois anos depois foi homenageado como patriótico por Marcolino Moco e foi dado o seu nome ao bairro onde vivia.

Hoji-ya-Henda: bairro da comuna sede do Cuito. Comandante [...] “*Hoji-ya-Henda*” é o apelido de guerra que em Português significa “Leão do Amor; o seu nome completo era José Mendes de Carvalho”³² depois da sua morte, em sua memória, o bairro foi nomeado de Hoji-ya-Henda.

Cangoti: bairro da comuna sede do Cuito. *Cangoti* tem a sua origem na Língua Umbundu, isto é, de um arbusto chamado “*ongoti*”. A palavra é composta pelo prefixo “*ka-*” da classe 12 que designa o diminutivo e o radical “*-ngoti*”. Portanto, “[...] *Ongoti* é um pequeno arbusto que se dá nas terras de areia. As raízes deste arbusto serve de estrume quando cavado o terreno (cf. Boletim do Instituto de Angola nº 12, 1959, p. 120). Diz-se que um mais velho chamado Chivava, vindo do município de Catabola, instalou-se no dito bairro hoje “*Kangoti*”, vinha com a velha Henda como fugitivos de feitiçaria; face a esta situação o soba não lhes permitiu que ficassem ao lado deles, porque vinham como feiticeiros, portanto, como sentença foi-lhes indicado num sítio para se instalarem, onde havia os pequenos arbustos chamados “*ongoti*”, e diziam eles que “*tweya vimbo lyolongoti*” em Português

³² cf. <http://www.mpla.ao/jmpla.39/hoji-ya-henda.43.html>. 21:37, 10.11.2014

“*viemos na terra dos pequenos arbustos*”. Facto esse que fez com que esse bairro fosse chamado de Cangoti.

Dongua: bairro da comuna sede do Cuito. O nome Dongua tem a sua origem na Língua Umbundu “*Citongwa*” isto é, do verbo “*Okulonga*” que em Português significa “*ferir*”, mas transformado em “*Ndongwa*”, que significa “*vandilonga ndumolã wosiwe sikwete tate sikwete nyoho*” que em Português significa “*feriram-me sou órfão, não tenho pai nem mãe*”. Ndongwa era um soba ao serviço militar português na altura, com a função de ir recolher as pessoas para trabalharem na construção das estradas. A razão de o bairro chamar-se de Ndongwa, tem haver com o facto de que o soba Ndongwa habitou nesse bairro e foi ali onde ele morreu.

Calonuima: nome de um bairro e riacho da comuna sede do Cuito. *Calonuima* termo de origem na Língua Umbundu “*kocima*” que em Português significa “*costa*”. A palavra correcta é “*Kolonyima*” traduzido em “*sofrimento*” ou “*castigo*”. A palavra é constituída pelo prefixo “*ko-*” prefixo da classe 16 que designa a direcção; “*olo-*” prefixo da classe 9 designa os conceitos de animais domésticos e selvagens, grandes e pequenos, insectos, répteis e algumas aves, partes do corpo humano e alguns nomes dos seres humanos, bem como alguns objectos e líquidos; e o radical “*nyima*”. Próximo do rio *Calonuima* existe um presídio até hoje; os reclusos tinham que trabalhar arduamente nos terrenos que se encontravam na margem desse riacho. O nome do riacho e consequentemente do bairro surge, pelo facto do trabalho da agricultura ser muito pesado; por isso o riacho foi denominado de *Calonuima*, e posteriormente, veio a designar um bairro.

Cambulucuto: bairro da comuna sede do Cuito. Nome que deriva de “*ocimbutu*” “*trocha*”. A palavra “*ocimbutu*” é constituída pelo prefixo “*oci-*” da classe sete (7) e o radical “*mbutu*”. Consta que uma jovem chamada Satwala engravidou, mas que não conhecia o homem que a engravidou, portanto; a comunidade metaforicamente, denominaram a gravidez de “*ocimbutu*” que significa “*trocha*”, para dizer que ela trouxe uma “*trocha*” dentro da barriga e por isso se chamou gravidez. O nome “*ocimbutu*” sofreu alterações até ser chamado hoje de “*Cambulucuto*”.

Cunje: comuna do Cuito e rio da comuna do Cunje. “*Cunje*” provem de “*kundje*” de Língua Umbundu. Nome de um rapaz, filho de um caçador que morreu afogado nesse rio, por isso o rio foi denominado de “*Cunje*”. O nome “*Kundji*” deriva de um enunciado frásico “*imo lyomolã nyoho eye walikuliha*” que significa “*só a mãe conhece a concepção da gravidez desse filho*”.

Jamba: bairro da comuna do Cunje. “*Jamba*” vem do termo Umbundu “*ondjamba*” que significa “*elefante*”. Esse bairro foi chamado de Jamba pelo facto de que, em tempos, uns

caçadores que caçavam terem morto um elefante naquele local, facto este que motivou a nomeação daquele lugar.

Trumba: comuna do município do Cuito. Trumba anteriormente era chamado de “*Ombala Yolombundje*” que teve como fundador Chinduvo. Trumba é uma palavra de origem Umbundu, “*tulumba*”, que significa “*surpreender*”. Conta-se que um caçador enquanto andava a procura de animais na floresta, sem ele dar por conta, ficou surpreendido com esta localidade. Facto que levou-o a nomear a aldeia de “*Tulumba*”.

Cassorio: nome da aldeia e rio da comuna do Trumba. Cassorio provem da Língua Umbundu “*usolyo*” um tipo de árvore que se encontra na nascente do rio. Em Umbundu “*Kasolyo*” é uma palavra constituída pela adição do prefixo da classe 12+3, isto é, “oka- + -u-” e o radical “*solyo*”. *Kasolyo* significa “*pequeno usolio*”.

Chicala: é a comuna do município do Cuito. O topónimo Chicala tem origem na Língua Umbundu que é “*Ocikala*”. Há várias versões para o significado desta palavra. A primeira diz que “Chicala significa não querer saber dos outros, abandonar, não ligar importância a ninguém. A segunda versão diz que os ovimbundu chamam de *chicala* a um terreno que ao longe parece anhora, mas não é; parece não ter árvores, mas tem; que não é seco, nem muito húmido e que é muito batido pelos ventos; a uma terra assim chamam-na de *Chicala*” (cf. Boletim do Instituto de Angola nº 14, 1960, p. 104). A terceira versão diz que “*Chicala*” de origem Umbundu vem do verbo “*okukala*” que em Português significa “*estar*”; entretanto, Chicala designa “*okukala otembo yosi*” que significa “*permanecer eternamente*”.

Cambulucuta: nome da aldeia e rio da comuna de Chicala. Nome proveniente do verbo em Umbundu “*okulukuta*” que em Português significa “*confusão*”. Portanto, “*Cambulucuta*” significa “*lugar de descanso*”, pelo facto de as pessoas emigrarem de uma aldeia para outra por causa da confusão que havia na aldeia de onde saíram.

Candondo: nome da aldeia e rio da comuna de Chicala. Candondo tem origem em Umbundu de “*ondondo*” que em Português significa “*jorro de água*”. Kandondo é uma palavra constituída pela adição do prefixo 12+9 “oka- + Ø” e o radical “*ndondo*”. Portanto, Kandondo significa “*pequeno jorro de água*”.

Cambandua: nome do rio e comuna sede de Cambandua. Tem origem em Umbundu de “*ombandwa* ou *ocipa*” que em Português significa “*pele*”. Em Umbundu “*Kambandua*” é formada pela adição de prefixo 12+9 “oka- + Ø” e o radical “*mbandwa*”. Kambandwa significa “*pequena pele*”. Conta-se que na nascente do actual rio “*Kambandwa*” estava um acampamento de viajantes, que haviam matado um boi e deixaram a pele do animal naquela nascente do rio, ao longo dos tempos os mesmos viajantes chamaram aquele rio de Kambandwa, concomitantemente, à aldeia que construiu ao lado deste rio.

Sowe: nome da aldeia e riacho da comuna de Cambândua. Topónimo proveniente da Língua Umbundu do verbo “*okusovola*” que em Português significa “*começar*”. Entretanto, “*Sowe*” é uma supressão de algumas letras do verbo supracitado. Conta-se que “*Sowe*” é “*imbo lyasowiwa lolomapalo*” em Português “*uma aldeia que foi projectada por uma brincadeira*”.

3.3. Fundamentação Teórica da Proposta de Harmonização Ortográfica dos Topónimos

Entendemos *harmonização gráfica dos topónimos* como sendo a uniformização, tendo em conta critérios que possibilitam a fixação por escrito numa determinada língua.

Importa salientar que a palavra ortografia veio do latim *orthographia*, por sua vez derivada do grego, composta de dois elementos: *ortho(s)*, que quer dizer *correcto(a)* e *grafia*, que significa *escrita* (cf. Estrela, 1994, p. 189).

A harmonização gráfica levanta controvérsias, tendo em conta que Angola e particularmente o Bié ser uma zona plurilingue, tal como já fizemos referência no capítulo dois. Todavia, apresentamos as seguintes justificações:

i) Os topónimos que são de origem portuguesa, devem ser escrito segundo as regras ortográficas dessa língua, isto é, respeitando as regras fonológicas de modo a evitar a variação de ortografia num mesmo topónimo, ora escrever com a grafia em Português, ora escrever com a grafia em Umbundu, como podemos observar nos topónimos que se encontram na base de dados. Por outro, o contacto da Língua Portuguesa com as Línguas Bantu (Língua Umbundu) desencadeia a influência ao nível do léxico. De acordo com Sousa (2013, p. 295):

“O topónimo – objecto de estudo da toponímia – ao ser criado, tal como um ser vivo, está sujeito às consequências do tempo: às influências, às modificações, e, até mesmo, ao desaparecimento do seu significado original, uma vez que escapa da consciência ou da memória do povo. Esses aspectos permitem afirmar que a toponímia possui uma dupla dimensão: do referente espacial geográfico (função toponímica) e do referente temporal (memória toponímica) ”.

Assim, face às mudanças e às influências que os topónimos sofreram relativamente ao processo de aportuguesamento, propomos que sejam escritos de acordo as regras da Língua Portuguesa, visto que, esses topónimos já estão estabilizados na Língua Portuguesa em Angola, como acontece em qualquer língua, de modo a evitar outros constrangimentos de ordem linguístico, económico, social e político.

ii) Os topónimos de origem Umbundu, escrever-se-ão de acordo a ortografia da Língua Umbundu tendo em conta a origem ou etimologia do topónimo, dado que, a língua têm regras de grafia. Estrela (1994, p. 192) diz que: *“as regras de ortografia valem como leis, que pretendem regulamentar a actividade da escrita e, portanto, terão de ser cumpridas por todo e qualquer membro da comunidade”*. Porém, este critério far-se-á na hipótese de serem criadas, num futuro próximo ou longínquo, topónimos que tenham a sua origem na Língua Umbundu, uma vez que, em Angola, entre 2004 e 2010 foi experimentada a introdução das sete Línguas Bantu numa série de escolas do país³³. No caso da província do Bié, a inclusão das Línguas Bantu (Língua Umbundu) é uma realidade no Segundo Ciclo do Ensino Secundário e no Ensino Superior, isto é, a nível da licenciatura. Portanto, ensina-se a Língua Umbundu, tendo em conta o alfabeto aprovado em 1987, seguindo o sistema fonológica, assente essencialmente na equivalência de um símbolo gráfico para cada fonema, correspondente a realidade fonológica, assim como as regras de transcrição fonéticas (cf. Resolução nº 3/87 de 23 de Maio, p. 195). Julgamos que, seria contraditório não escrever os topónimos tal como rege as regras da Língua Umbundu, uma vez que deve haver uniformidade no que se ensina nas escolas e o que se escreve em avisos, mapas cartográficos e letreiros, caso contrário, estaríamos a criar um desfasamento e se não mesmo, uma confusão no seio dos alunos. Segundo a Resolução nº 3/87 de 23 de Maio, p. 195, diz que:

“[...] considerando que as línguas nacionais, suporte e veículo das heranças culturais, exigem um tratamento privilegiado, pois que constituem um dos fundamentos importante da identidade Cultural do Povo Angolano; [...] considerando a necessidade da uniformização da escrita em línguas nacionais”.

iii) Em qualquer língua, os topónimos quando grafados erradamente trazem algumas consequências, como a dificuldade de se determinar a origem, a etimologia e o significado, visto que, o topónimo é considerado como património cultural de uma comunidade. Zamariano (2006, p. 36) diz que:

“[...] os erros em ortografia e pronúncia do nome da localidade podem ocasionar situações constrangedoras, pois, há um sentimento social de orgulho pela associação do topónimo com o lugar que designa. Da mesma forma é arbitrário que se altere um topónimo sem que seus habitantes permitam. O topónimo é para o lugar o que o nome próprio é para a pessoa, não se muda sem o consentimento da própria pessoa”;

³³ cf. <http://pt.globalvoicesonline.org/2013/12/27/plataformas-angolanas-de-aprendizagem-de-linguas-nacionais/>

iv) Julgamos que dentro das políticas linguísticas ao se grafar cada topónimo de acordo as regras gramaticais da língua de origem, estaríamos a promover estas línguas, fazendo com que elas sejam valorizadas, e como resultado estaríamos a criar condições para que se aprenda a falar, a ler e escrever bem.

3.3.1. Aspectos Práticos da Proposta de Harmonização gráfica dos Topónimos

De acordo o que foi supracitado na fundamentação teórica da proposta de harmonização gráfica dos topónimos, propomos os seguintes critérios:

a) Os topónimos que foram aportuguesados como já estão estabilizados em Português, propomos que sejam escritos correctamente, de modo a evitar a variação gráfica. Assim, sugerimos as seguintes condições:

a.a) Os topónimos que apresentam a variação gráfica no caso de apresentar duas letras com o mesmo som em Português “/k/ e /c/” (Kuito, Cuito por exemplo), achamos que sejam escritos com a letra /c/. Os outros exemplos conferir a base de dados.

a.b) No caso dos topónimos que as letras iniciais são pré-nasais /mb/ e /ng/” (Ngombacasi, Ngonde por exemplo) propomos que as consoantes nasais “/m/ e /n/” sejam suprimidas (Gombacassi, Gonde por exemplo).

b) Os topónimos que eventualmente vierem a serem criados, desde que tenha a sua origem na Língua Umbundu, seguir-se-á as seguintes condições:

b.a) o grafema /s/ nunca é duplicado como em Português, pois mantém o som [s] em todas as posições que estiver colocado. Exemplo: L.P - Epesse, L.U – Epese; L.P – Gombacassi, L.U- Ngombakasi;

b.b) o grafema /c/ em Umbundu não tem o mesmo valor que /q/ ou /k/. Portanto o grafema /c/ corresponde ao fonema [tʃ]; por falta de harmonização gráfica, várias vezes, o /c/ é transcrito por **ty**, **tx**, **tch**, e até mesmo transformado em dígrafo /ch/ e /qu/. Exemplo: L.P- Chiqueleto, L.U – Cikeletu. L.P – Catemo, L.U – Katemo;

b.c) o dígrafo /nh/ foi substituído pelo /ny/. Exemplo: L.P – Cunhinga, L.U Kunyinga;

b.d) a L.U é caracterizada pela presença de grupo consonântico (nasal + consoante oral), isto é, **mb nd, ng e ndj**. Exemplo: L.P - Bembua, L.U – Mbembwa; L.P – Dende, L.U – Ndende; L.P – Gonmbacassi, L.U –Ngombakasi; L.P – Jamba, L.U – Ndjamba,

b.e) quanto à ditongação, a grafia fonética transforma o “e” final em “i – y”, o “o” em “w”, originando ditongo com a vogal (cf. Valente, 1964, p. 36): Exemplos: L.P – Bembua “paz”, L.U – Mbembwa; L.P - Cassorio “árvore”, L.U – Usolyo.

b.f) a vogal /o/ não tem o valor de /u/, independentemente da posição em que se encontre. Exemplo: L.P – Longulo, L.U – Longulu.

3.4. Fichas Lexicográficas de Alguns Topónimos Recolhidos

Com o objectivo de criar uma base de dados, elaboramos fichas lexicográficas que apresentam informações como o número de ordem, topónimo, taxionomia, localização, etimologia, estrutura morfológica e a fonte. Entretanto, é uma ficha lexicográfica simplificada do topónimo, em que se resumem as informações apresentadas acima e as que se encontram na base de dados com excepção da fonte em alguns topónimos.

Nº de ordem: refere-se a numeração de ordem de cada topónimo.

Topónimo: o topónimo propriamente dito que se refere ao nome do acidente físico ou humano colectado.

Taxionomia: indica a taxa do topónimo.

Localização: indicar o local de registo do topónimo.

Etimologia: trata da origem e da explicação do significado do topónimo por meio da análise dos elementos que os constituem.

Estrutura morfológica: indica a classe gramatical a que pertence o topónimo, bem como a sua formação que pode ser dividido em três categorias: unidade simples, unidade composta e unidades híbrida.

Fonte: indica o local de onde foi colectado o topónimo.

Foram recolhidos cem (100) topónimos, mas apresentamos apenas dez (10) fichas lexicográfica como amostra de outras fichas referentes ao município sede do Cuito.

Fichas lexicográfica nº1

Nº de ordem: 01	Topónimo: Cuito
Taxionomia: Dirrematopónimo	
Localização: Município de Cuito	
Etimologia: **Cuito [da L.U. kwitu]. que é “ <i>vakutiwa Kwi</i> ” que significa “ <i>amarados fortemente</i> ”. Outra versão diz que Cuito significa “[...] lugar de carne, ou seja, lugar abundante de carne em caça, de <i>ko</i> que significa lugar e <i>ositu</i> , carne.	
Estrutura morfológica: s.f, unidade simples	
Fonte: Boletim do Instituto de Angola nº 14, 1960 e a fonte oral.	

Fichas lexicográfica nº2

Nº de ordem: 02	Topónimo: Ilha
Taxionomia: Etnotopónimo	
Localização: Município do Cuito	

Etimologia: **Ilha [do latim insular]. Para o município do Cuito, “ilha” significa “*bairro do racismo, isolamento, separação*”. Aquilo que, pelo seu isolamento diferença ou incomunicabilidade em relação ao que o cerca.

Estrutura morfológica: s.f. unidade simples.

Fonte: Dicionário do Português Atual Houaiss. Círculo Leitores, 1ª Edição Agosto de 2011 e fonte oral.

Fichas lexicográfica nº3

Nº de ordem: 03

Topónimo: Cangoti

Taxionomia: Fitotopónimo

Localização: Município do Cuito

Etimologia: **Cangoti [da L.U ongoti]. *Cangoti* refere-se a um arbusto chamado “*ongoti*”. A palavra *Kangoti* é constituída pela adição de prefixo 12+9 “oka- + -Ø-” e o radical “ngoti”. Kangoti significa “pequeno arbusto de ngoti”. A atribuição desse nome deve-se ao facto de naquele bairro ter havido muitos arbustos chamados *ongoti*. Portanto, “[...] *Ongoti* é um pequeno arbusto que se dá nas terras de areia. As raízes deste arbusto serve de estrume quando cavado o terreno.

Estrutura morfológica: s.m. unidade simples.

Fonte: Boletim do Instituto de Angola nº 12, 1959 e fonte oral.

Fichas lexicográfica nº4

Nº de ordem: 04

Topónimo: Dongua

Taxionomia: Antropotopónimo

Localização: Município do Cuito

Etimologia: **Dongua [do verbo em L.U okulonga que significa ferir]. Nome Dongua do verbo “*Okulonga*” que em Português significa “*ferir*”, mas transformado em “*Ndongwa*”, nome que surgiu de enunciado frásico “*vandilonga ndumolã wosiwe sikwete tate sikwete nyoho*” que em Português significa “*feriram-me sou órfão, não tenho pai nem mãe*”.

Estrutura morfológica: s.f. unidade simples.

Fonte: oral.

Fichas lexicográfica nº5

Nº de ordem: 05

Topónimo: Jimba

Silili

Taxionomia: Dirrematopónimo

Localização: Município do Cuito

Etimologia: **Jimba Silili [da L.U significa canto e não choro]. É um centro administrativo da comuna sede do Cuito. O topónimo “Jimba Silili” deriva do verbo “*okwimba*”, cantar; silili; “si” – prefixo que indica a negação e o radical “lili” do verbo “*okulilia*” chorar.

Estrutura morfológica: v. tr e intr.; adv; v. tr e intr; unidade simples.

Fonte: oral.

Fichas lexicográfica nº6

Nº de ordem: 06

Topónimo: Luassumba

Taxionomia: Hidrotopónimo

Localização: Comuna do Cunje - Município do Cuito.
Etimologia: **Luassumba [da L.U lwasumba que significa respeito pelo rio]. É uma aldeia da comuna do Cunje pertencente à Embala de Mucumba. O topónimo Lwasumba resulta de uma aglutinação de “olwi” rio + “sumba” de okusumba “respeitar. Portanto, “lwaumba” em Português significa “o respeito pelo rio”.
Estrutura morfológica: s.m. elemento específico simples.
Fonte: oral.

Fichas lexicográfica nº7

Nº de ordem: 07 **Topónimo:** Gombacassi
Taxionomia: Dirrematopónimo
Localização: Comuna de Chicala - Município do Cuito.
Etimologia: **Gombacassi [da L.U]. É o nome da aldeia da comuna de Chicala. O topónimo Gombacassi deriva de um enunciado frásico em Umbundu “*ngomba kasi cimwe, cosi olya*” que em Português significa “Gombacassi come tudo e não deixa nada”. Nome de pessoa e posteriormente atribuído à aldeia pelo facto de essa pessoa ser o co-fundador.
Estrutura morfológica: s.m. unidade simples.
Fonte: oral.

Fichas lexicográfica nº8

Nº de ordem: 08 **Topónimo:** Chicala
Taxionomia: Historiotopónimo
Localização: Comuna de Chicala - Município do Cuito.
Etimologia: **Chicla [da L.U]. é a comuna do município do Cuito. O topónimo Chicala tem origem na Língua Umbundu que é “*Ocikala*”. Há três versões para o significado desta palavra. A primeira diz que “Chicala significa não querer saber dos outros, abandonar, não ligar importância a ninguém. A segunda versão diz que os ovimbundu chamam de *chicala* a um terreno que ao longe parece anhora, mas não é; parece não ter árvores, mas tem; que não é seco, nem muito húmido e que é muito batido pelos ventos; a uma terra assim chamam-na de *Chicala*”. A terceira versão diz que “*Chicala*” de origem Umbundu do verbo “*okukala*” que em Português significa “*estar*”, entretanto, Chicala significa “*okukala otembo yosi*” em Português “*permanecer eternamente*”.
Estrutura morfológica: v. intr., unidade simples.
Fonte: Boletim do Instituto de Angola nº 14, 1960 e a oral.

Fichas lexicográfica nº9

Nº de ordem: 09 **Topónimo:** Canata Bango
Taxionomia: Litotopónimo
Localização: Comuna de Cambandua - Município do Cuito.
Etimologia: **Canata Bango [da L.U kanata “barro” e bango sobrenome]. Aldeia e rio da comuna de Cambandua. Canata Bango é constituído por duas palavras de origem Umbundu, isto é, “Kanata” de “onata” barro e “mbango” de “ombango” utensílio para colocar alimentos. A palavra “Kanata” é constituída de prefixo 12+9 “ka- + -Ø-” e o radical “nata” barro. E a palavra Mbango é o nome próprio atribuído ao filho. Foi dado este nome à aldeia por causa do rio que tinha muito barro “onata” e “mbango” nome do pai atribuído ao filho como lembrança. Portanto, juntou-se o nome do rio e o nome do pai atribuído ao filho.

Estrutura morfológica: s.m. e s.m., unidade composta.

Fonte: oral.

Fichas lexicográfica nº10

Nº de ordem: 10

Topónimo: Cachiva

Taxionomia: Hidrotopónimo

Localização: Comuna de Cambandua - Município do Cuito.

Etimologia: **Cachiva [da L.U]. É a aldeia da comuna de Cambandua. A palavra Cachiva deriva de “ociva” que em Português significa lagoa. Esse topónimo é constituído pela adição de prefixo 12+7 “ka- + oci-” e o radical “-va”. Kaciva significa “pequena lagoa”. A aldeia tem este nome pelo facto de haver naquele local uma lagoa.

Estrutura morfológica: s.f., unidade simples.

Fonte: oral.

3.4.1. Base de Dados de Toponímia do Município do Cuito

Nesta alínea, apresentamos a *Base de Dados de Toponímia do Cuito*, que regista os topónimos recolhidos em documentos como cartas cartográficas e mapas de listas de nomes fornecidas por várias instituições, como já foi referenciado no ponto 3.1.

Província	Língua	Topónimo	Variante gráf.	Proposta de gr.	Transcrição fon.	Dados Linguísticos/Históricos	Proposta de Gen.	Proposta de Grafia na L.U.
Bié	LU	Kuito	Cuito	Kuito	[kwitu]	Historicamente, a sede capital da província actual cidade do Cuito, que também é Cuitense	Kwitu	
Bié	LP	Ilha	NE	Ilha	[ila]	é bairro da comuna sede do Cuito, anteriormente chamado por "amor de pessoas a Ilhense	Ilha	
Bié	LP	Catraio	NE	Catraio	[katraio]	é o bairro da comuna sede do Cuito. Catraio é o nome do fundador desse bairro, n Catraense	Catraio	
Bié	LP	Cantiflas	Kantiflas	Cantiflas	[kantifla]	é o bairro da comuna sede do Cuito. Cantiflas é o apelido do nome José Marques, Cantiflense	Cantiflas	
Bié	L.K	Hoji-ya-Henda	NE	Hoji-ya-Henda	[hoji-ja-henda]	é o bairro da comuna sede do Cuito. Comandante [...] Hoji-ya-Henda é o apelido d'Hojihendense	Hoji-ya-Henda	
Bié	LU	Kangoti	Kangoti	Kangoti	[kangoti]	é o bairro da comuna sede do Cuito. kangoti tem a sua origem na Língua Umbundu Cangotianos	Kangoti	
Bié	LU	Dongwa	Ndongwa	Dongwa	[dongwa]	é o bairro da comuna sede do Cuito. O nome Ndongwa tem a sua origem na Língua Donguense	Ndongwa	
Bié	LP	Castanheira	NE	Castanheira	[ka]tãpeira]	é o bairro da comuna sede do Cuito. Castanheira é o sobrenome do português Ant Castanheirianos	Castanheira	
Bié	LU	Calomuma	NE	Calomuma	[kalomuma]	é o bairro e riacho da comuna sede do Cuito. Calomuma termo de origem na Língua Calomumense	Kolonyima	
Bié	LU	Catemo	Katemo	Catemo	[katemo]	é o bairro e riacho da comuna sede do Cuito. A palavra catemo deriva da Língua Catemoianos	Katemo	
Bié	LP	S. António	NE	S. António	[s. Antonio]	é o bairro da comuna sede do Cuito. Anteriormente chamava-se de Bairro Suino, r S. Antoniano	S. António	
Bié	LU	Cambulucuto	Kambulucuto	Cambulucuto	[kambulucutu]	é o bairro da comuna sede do Cuito. Cambulucuto é um apelido que deriva de da I Cambulucutense	Kambulucuto	
Bié	LU	Chambanda	NE	Chambanda	[jambanda]	é uma aldeia da comuna sede do Cuito. Chambanda deriva da Língua Umbundu "o Chambandense	Cambanda	
Bié	LU	Ecovongo	NE	Ecovongo	[ekovongo]	é uma embala e aldeia da comuna sede do Cuito. Ecovongo é uma palavra que deri Ecovonguense	Ekovongo	
Bié	LU	Chongolola	NE	Chongolola	[jongolola]	é uma comuna sede do Cuito do Centro administrativo do Jimba Sili. O topónimo Chongololiano	Congolola	
Bié	LU	Longulo	NE	Longulo	[longulo]	é uma aldeia da comuna sede do Cuito do Centro Administrativo de Ecovongo. Lo Longuense	Longulo	
Bié	LU	Chavaia	NE	Cavaia	[javaja]	é uma aldeia da comuna sede do Kwito do Centro Administrativo de Ecovongo. C Chavaiano	Cavaya	

Figura nº 5: Base de dados de Toponímia do Município do Cuito

Nos topónimos recolhidos, conseguimos observar o aportuguesamento e umbundização, fenómenos resultantes das línguas em contacto, no município do Cuito; obtivemos outras informações que julgamos serem importantes como a língua de origem do topónimo e os dados linguísticos/históricos dos topónimos.

3.5. Recomendações

Tendo em conta tudo o que foi apresentado neste trabalho, recomendamos o seguinte:

- i) Criação de um departamento oficial de Toponímia para a elaboração de glossário de nomenclaturas geográficas em Angola e particularmente na Província do Bié.
- ii) Organização periódica de conferências nacionais, provinciais e periódicas de Toponímias.
- iii) Criação de uma lei que regule a afixação por escrito dos topónimos de forma a se evitar a variação na grafia toponímica.
- iv) Revisão e actualização do alfabeto das Línguas Bantu (Língua Umbundu), isto é, os grafemas e o seu valor fonético, tendo em conta a nossa realidade angolana.

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos identificar os topónimos do município do Cuito e harmonizar a sua ortografia, tendo em conta a informação etimológica, semântica e motivacional. Entretanto, tivemos que inventariar os topónimos recolhidos no município do Cuito pelas várias instituições, tal como se abordou no capítulo três. Posteriormente analisamos os topónimos quanto à variação gráfica e mudanças ortográficas, descrevemos a origem etimológica, a estrutura morfológica, o significado, a pronúncia/transcrição fonética, a motivação, propomos critérios para a harmonização ortográfica e criamos uma base de dados para os topónimos de modo a facilitar a sua análise e harmonização gráfica.

Conclusões que podem ser tiradas desse trabalho prendem-se principalmente com a origem dos topónimos, onde verificamos que 85% topónimos são de origem de Línguas Bantu e 15% de Língua Portuguesa, fazendo um total de 100%, o que demonstra que, os 85% topónimos de origem de Línguas Bantu são caracterizados como um património cultural de um povo, onde se guarda a sua cultural, especialmente para os ovimbundu.

Quanto à motivação de nomeação toponímica, chegamos a conclusão de que existem vários factores dentre eles: socioculturais, políticos e económicos.

É pertinente salientar que a maior percentagem dos topónimos, relativamente à classificação feita no capítulo três pertencem ao grupo dos “antropotopónimos” com 31% o que revela a homenagem a heróis com actuação marcante na história da província do Bié e particularmente do município do Cuito. Porque é que os nomes são de origem animal e vegetal? Dentre várias razões que motivam a escolha salientam-se as seguintes: sua classe de nascença conta muito por causa dos direitos e deveres na sociedade, o género segundo os sexos, os que vem depois, o nome do genitor, os traços físicos do recém-nascido, uma circunstância ligada ao nascimento, coincidência com acontecimentos sociais (viagens, prisões, falecimentos, festas, etc.), em relação com os falecimentos dos seus antecessores, as relações sociais, nomes mensagem: de agradecimento a Deus, de pedido de protecção, de lamentação, de censura e de preocupação quotidianas, e nomes de honra.

Relativamente à proposta de harmonização ortográfica, sugerimos que os topónimos que se encontram aportuguesados (de origens da Língua Bantu) fruto de contacto de línguas, que sejam escritos de acordo com as regras gramaticais da Língua Portuguesa, aportuguesando-os, porque já estão estabilizados na Língua Portuguesa. Os topónimos que venham a ser criados num futuro próximo ou longínquo, que sejam escritos de acordo a língua de origem, seguindo as regras gramaticais, como é o caso da Língua Portuguesa e das Língua Bantu, de modo a evitar uma ortografia errada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia Geral

- ALTUNA, Pe. Raul Ruiz de Asúa, (2006): *Cultura Tradicional Banta*. Paulina Editora – Prior Velho (Portugal).
- Bíblia Sagrada. Géneses, capítulo 2, versículos 10-14. Tradução em Português por João Ferreira de Almeida. Almeida – Revista e Atualizada. Edição e diagramação: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- Boletim do Instituto de Angola, nº 14 Julho – Dezembro 1960, Luanda – Angola.
- nº 12 Janeiro – Dezembro 1959, Luanda – Angola.
- CAMEIA, Domingas Rosa T. Duarte, (2013): *Desenvolvimento da Competência Lexical na Aprendizagem da Língua Portuguesa*, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e perturbação da Linguagem na Criança. Dissertação de Mestrado. FCSH – UNL.
- ESTRELA, Edite & CORREIA, J. David Pinto, (1994): *Guia Essencial da Língua Portuguesa para a Comunicação Social*. 3ª Edição - Editorial Notícias.
- CARVALHO, Francisco de Assis, (2012): *Entre a Palavra e o Chão: Memória Toponímica da Estrada Real*. Tese de Doutoramento da Universidade de São Paulo. file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/2012_FranciscoDeAssisCarvalho%20(1).pdf. 28/02/2014, 11:57.
- CASTRO, Yeda Pessoa de., (2005): *Falares Africanos na Bahia – Um vocabulário Afro-Brasileiro*. 2ª edição, Rio de Janeiro.
- CHICUNA, Alexandre Mavungo, (2003): *Léxico Português-Kiyombe do Corpo Humano: Particularidades dos morfemas flexionais*. Dissertação de Mestrado. FCSH – UNL, Lisboa.
- CHIMBINDA, Jorge Simeão Ferreira, (2009): *O Nome na Identidade Umbundu Contribuição Antropológico*. Edição ETU – Estudo da tradição Umbundu.
- COSTA, Camacha da., (2013): *Os Empréstimos das Línguas Bantu no Português falado em Angola (Um Estudo Lexicológico da Variante Angolana)*. 1ª Edição.
- CRUZ, José Ribeiro, (1940): *Notas de Etnografia Angolana*, Lisboa.
- CORREIA, Margarita & LEMOS, San Payo de., (2005): *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- DICK, Maria V. P. do Amaral, (1987): *Toponímia e Cultura*, In: Rev. Inst. Brasil, SP.
- <http://200.144.255.123/Imagens/Revista/REV027/Media/REV27-07.pdf>. Acesso em 28/02/2014, 11:45.
- (1996): “A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo 1554 – 1897”. São Paulo: ANNABLUME.

- DI TIZIO, Ideli Raimundo (2008): *Tietê Ontem e Hoje: Preservação ou Mudança Toponímica e a Legislação no acto de Nomeação*, Uma proposta de Lei. Tese de Doutoramento, FFLCH – CH – USP, São Paulo. file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/TESE_IDELI_RAIMUNDO_DI_TI ZIO%20(1).pdf. Acesso em 01/03/2014, 13:31.
- ESTERMANN, Carlos, (1983): *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro) Colectânea de Artigos Dispersos*. Vol. II, Instituto de Investigação Científico Tropical - Lisboa.
- EPUKA, José Bongo, (2011): *O Valor Semântico dos Prefixos Nominais em Umbundu*. Tese de Licenciatura, ISCED – Luanda.
- FAZZIO, Gisela Félix de , (2008): *Estudos Toponímico do Município de Promissão: a Cidade e as Ruas*. Dissertação de mestrado, FFLCH – USP, São Paulo. file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/DISSERTACAO_GISELA_F ELIX_FAZZIO.pdf. Acesso em 28/02/2014, 17:43.
- FERNANDES, João & NTONDO Zavoni., (2002) *Angola: Povos e Línguas*. Luanda, Editora Nzila.
- FERREIRA, Carlos, (2013): *Geografia e Toponímia*. Porto – Naçom de Falares, 2ª Edição.
- JÚNIOR, José Ednilson G. de Souza, (2012): *Nomeação de Lugares na Língua de Sinais Brasileira – Uma Perspectiva de Toponímia por Sinais*. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília.
- file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/2012_JoseEdnilsonGomesdeSouzaJ unior.pdf. Acesso em 12.03.2014, 14:49.
- JR., J. Mattoso Camara, (1979): *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3ª Edição, Padrão – Livraria Editora Ltda, Rio de Janeiro.
- ISQUERDO, Aparecida Negri, (2008): *O Nome do Município – Um Estudo etnolinguístico e Sócio-Histórico na Toponímia Sul-Mato-Grosso*. Vol. 2, nº 2 – Jul/Dez.
- KUKANDA, Vatomene, (1986): *Notas de Introdução à Linguística Bantu*. Universidade Agostinho Neto, ISCED – Lubango.
- LAURINDO, M. Kamulengo Siluqui, (2012): *Abordagem Linguística dos Antropónimos em Umbundu*. Tese de Licenciatura, ISCED – Luanda.
- LEMA, Paulo Martínez, (2010): *A Toponímia das Comarcas de Bergaliños, Fisterras, Soneira e Xallas na Documentación do Tombo de toxos Outos (Séculos XII – XIV)*. Tese de Doutoramento – USC. https://dspace.usc.es/bitstream/10347/2870/1/9788498875782_content.pdf. Acesso em 26.10.2014, 16:46.
- LUSAKALALU, Pedro, (2005): *Línguas e Unidades Glossonímicas*. Luanda, Editora Nzila.
- MAEDA, Raimunda Madalena Araujo, (2006): *A Toponímia Sul-Mato-Grossense: Um Estudo dos Nomes de Fazendas, Araraquara*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp021459.pdf. Acesso em 30-09-2014, 17:18.

MALUMBU, Moisés, (2005): *Os Ovimbundu de Angola: Tradição – Economia e Cultura Organizativa*. Ediziom Vivere in.

MARTINET, André, (1980): *Elements de Linguistique Général*. Armand Colin, Paris.

MATEUS, Maria H. M et a (2005) «*Fonética e Fonologia do Português*». Universidade Aberta 2005.

MINGAS, Amelia, A., (2000): *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. Luanda – Edições Chá de Cachinde.

MELO, Pedro A. G. (2012): *Uma Interface Língua – Cultura: Um Estudo Onomástico em Toponímia da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco*». In: Revista Momento V.3, n.1. 2. Disponível em file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Dialnet-UmaInterfaceLinguocultural-4798979%20(1).pdf. Acesso em 03/04/2014, 14:13.

MENDONÇA, Abílio de., (2014). *As Interferências das Línguas Negrafricanas na Língua Portuguesa e Crioulas de Base Portuguesa*.
http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n_5_2014/abilio_marques_de_mendonca.pdf. Acesso em 25.10.2014, 22:03.

MONTEIRO, Rui F. Romero (1970): *Estudo da Flora e da Vegetação das Florestas Abertas do Planalto do Bié*, Instituto Científico de Angola, Luanda.

MUDIAMBO, Quibongue. (2014): *Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (Aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa*. Edições Colibri, Lisboa – Junho.

NGUNGA, Armindo. (2004): *Introdução à Linguística Bantu*. Editor – Imprensa Universitária, Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

NTONDO, Zavoni, (2006): *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*. 1ª Edição, Luanda.

-----, (2014): *Fonologia e Morfologia do Kwanyama (R21)*. 1ª Edição, Luanda.

NZAU, Domingos Gabriel Ndele, (2011): *A Língua Portuguesa em Angola Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização*. Tese de Doutoramento – UBI.
http://www.adelinotorres.com/teses/domigos_nde_nzau.pdf. Acesso em 26.10.2014, 23.1.

ONU, Padronização nacional de nomes geográficos – directrizes. Disponível em <http://www.toponimia.org/directrizes>. Acesso em 01/03/2014.

PEGORARO, Aline, (2013): *Estudo dos Nomes das Cidades da quarta colónia de imigração italiana do rio grande do Sul*. Dissertação Mestrado da Univerdidade de Caxias do Sul.
<https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/776/1/Dissertacao%20Alin e%20Pegoraro.pdf>. Acesso em 30.09.2014, 17:25.

- PÉLISSIER, Réne, (2013): *História das Campanhas de Angola*. 3ª edição, editorial Estampa.
- QUIVUNA, Manuel, (2014). *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna*. Edições Colibri, Lisboa – Junho.
- REDINHA, José, (1969): *Distribuição étnica da Província de Angola*, 5ª Edição, CITA – Centro de Informação e Turismo de Angola.
- (1962): *Distribuição Étnica de Angola*. Edição do C.I.T.A.
- REY, Alain, (1970): *La Lexicologie Lecture*. Klincksieck – Paris.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de, (s/d): *Referência e Onomástica*. http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf. Acesso em 28/09/2014, 18:50.
- Secretaria do Estado da Cultura – Instituto de Línguas Nacionais, Boletim nº 1, Alfabetos das Línguas Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe, Mbunda, Oxikwanyama. Luanda - 1987.
- SILVA, Marceline R. (2011): *A Toponímia em Bonsucesso e Pai André no Rio Cuiba –MT*», UFMG, Tese de Mestrado. Disponível em <http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/5831e59ed9382bfd6d17c314940b10e.pdf>. Acesso em 22/02/2014, 14:47.
- SILVA, Rodrigo da., *Monções Revisiladas: Património e Cultura Material*. Disponível em: <http://www.Unicamp.br/chaa/downloads/revista>. Acesso em 01/03/2014
- SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas, (2011): *Estudos toponímicos: âmbito e perspectivas de análises*”. ver, V.9, n. 17.
- http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_estudo_toponimico.pdf.
28/02/2014, 19:44.
- SOUSA, Alexandre Melo de, (2013): *Para a Aplicação da Toponímia na Escola*. UFAC. Disponível em http://www.filologia.org.br/XVii_Cnlf/Cnlf/02/24.pdf. Acesso em 04/10/2014, 23:39.
- VASCONCELLOS, J. Leite de., (1931): *Opúsculos – Vol. III: Onomatologia*. Coimbra – Imprensa da Universidade.
- VILELA, Mário, (1994): *Estudos de Lexicologia do Português*. Livraria Almedina, Coimbra.
- (1979): *Estruturas Léxicas do Português*. Livraria Almedina, Coimbra.
- VILLALVA, Alina, (2008): *Morfologia do Português*. Universidade Aberta, Lisboa
- ZAMARIANO, Márcia. (2006), *Toponímia Paranaense do Período Histórico de 1648 a 1853*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina – PR. http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livras/cp024739.pdf. Acesso em 28/02/2014, 19:02.
- ZAU, Filipe (2002): *Angola: Trilhos para o Desenvolvimento*. Universidade Aberta, Lisboa.

WHEELER, Douglas L. & PÉLISSIER, Réne, (2011): *História de Angola*. 1ª edição, edições tinta-da-china Lda.

Gramáticas

AZEREDO, José Carlos de., (2012): *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora PubliFolha.

AZEREDO, M. Olga et al., (2014): *Da Comunicação a Expressão – Gramática Prática de Português 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Raiz Editora.

NASCIMENTO, José Pereira do., (1894): *Gramática do Umbundu ou Língua de Benguela*. Imprensa Nacional – Lisboa.

PINTO, José Manuel de Castro & LOPES, Maria do Céu Viera, (2014): *Gramática do Português Moderno*. 14ª Edição, Lisboa.

VALENTE, P. José, C. S. Sp., (1964): *Gramática Umbundu (Língua do Centro de Angola)*. Lisboa.

Dicionários

Dicionário do Português Atual Houaiss. Círculo Leitores, 1ª Edição Agosto de 2011

COSTE, R. Gallisson D. (1983): *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Livraria Almedina, Coimbra.

GUENNEC, Grégoire Le. & VALENTE, José Francisco, (2010): *Dicionário Português – Umbundu*. Escolar editora – Angola.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa Conforme Acordo Ortográfico, Lisboa 2007, 1ª edição.

Documentos da Administração municipal do Kuito

Administração Municipal do Kuito. “*Monografia Comuna do Kuito*”, 2010.

----- Comuna do Kunje. “*Monografia Comuna da Kunje*”. 2010.

----- Comuna do Trumba. “*Monografia Comuna do Trumba*”. 2010.

----- Comuna da Chicala. “*Monografia Comuna da Chicala*”. 2010.

----- Comuna do Cambândwa. “*Monografia Comuna da Cambândwa*”. 2010.

Diário da República de Angola, Iª série – Nº 2, Órgão Oficial da República de Angola, p. 26.

----- série – Nº 41: Concelho de Ministros: Resolução nº 3/87 de 23 de Maio.

Direcção Provincial da Cultura “*Resumo Histórico do Surgimento do Reino de Viye*”. 2012.

Resultados preliminares do Recenseamento Geral da População e de Habitação de Angola, Setembro 2014.

República de Angola, Despacho Presidencial nº 13/03.

5.5. Sitografia

Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo.

http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bantas#mediaviewer/File:Bantu_zones.png.
Acesso em 28.10.2014, 15:20.

<http://img183.imageshack.us/img183/4619/02biexs9.jpg>. Acesso em 29.11.2014, 11:34.

<http://www.angolabelazebelo.com/2012/08/a-capital-do-bie-cidade-do-kuito-faz-hoje-87-anos/>. Acesso em 16.07.2014, 16:50.

http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_estudo_toponimico.pdf
http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_estudo_toponimico.pdf.
Acesso em 22.06.2014, 17:03.

<http://pt.globalvoicesonline.org/2013/12/27/plataformas-angolanas-de-aprendizagem-de-linguas-nacionais/> Acesso em 09.11.2014, 23:17.

<http://www.mpla.ao/jmpla.39/hoji-ya-henda.43.html>. Acesso em 10.11.2014, 21:37.

ANEXOS

Anexo 1: Entrevista individual aos Reis, Regedores e Sobas Grande

Objectivo: Efectuar a recolha de informação sociolinguística e cultura sobre a toponímia, no que respeita a origem, o significado a motivação que teve para se atribuir o nome a um lugar.

Guia de entrevista

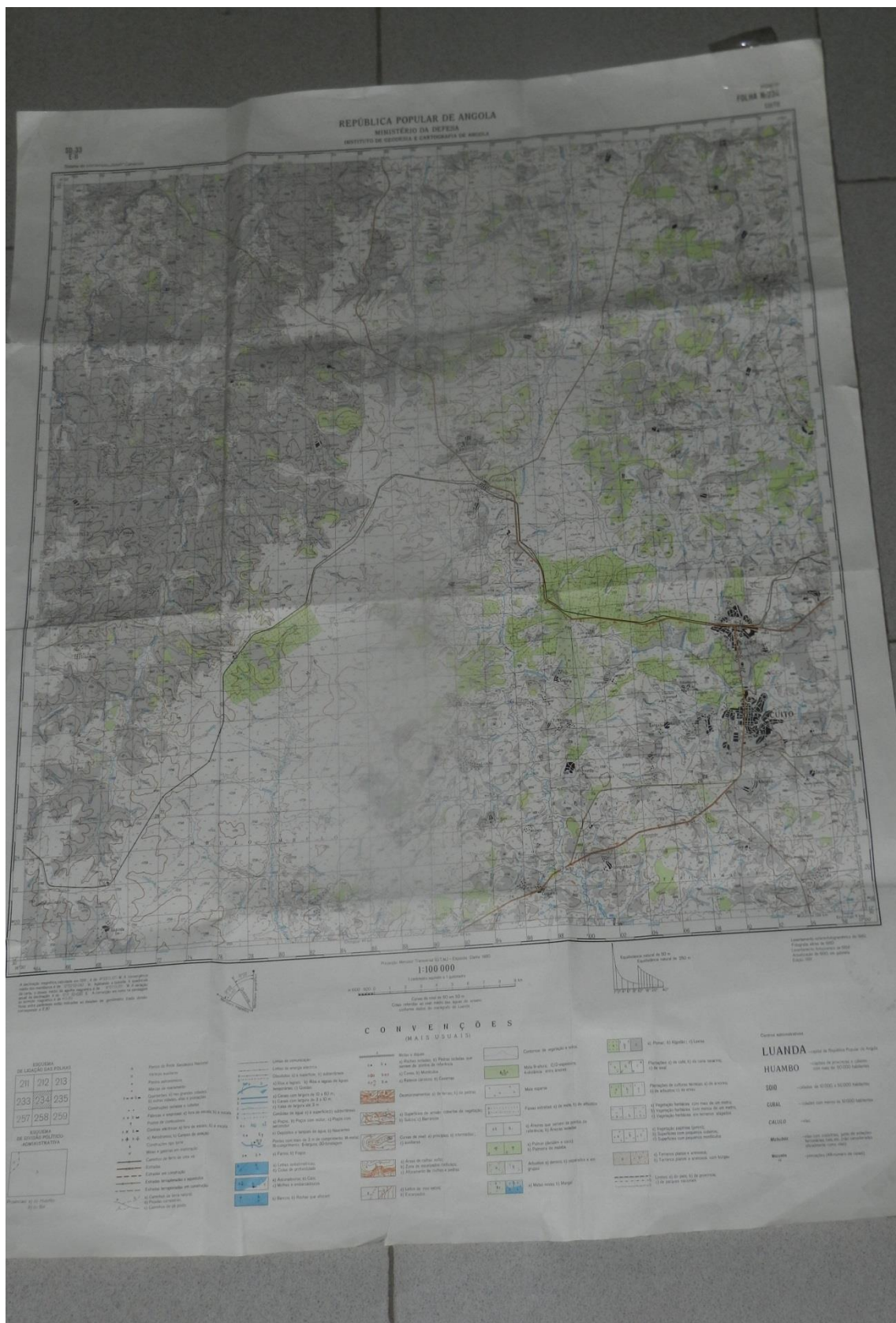
1. Qual é a origem do topónimo -----?
2. Qual é o significado do topónimo -----?
3. Porque é que foi dado a este lugar ou sitio com o nome de -----?
4. Como é que se chama os naturais (habitantes) do -----?
5. O que é que se deve fazer para que os topónimos sejam escritos correctamente, na possibilidade de que estejam alterados a sua ortografia?

Mapa Topográfico - Censo
 Provincia: 11, Bie
 Municipio: 01, Cuzco
 Comuna: 01, Cuzco

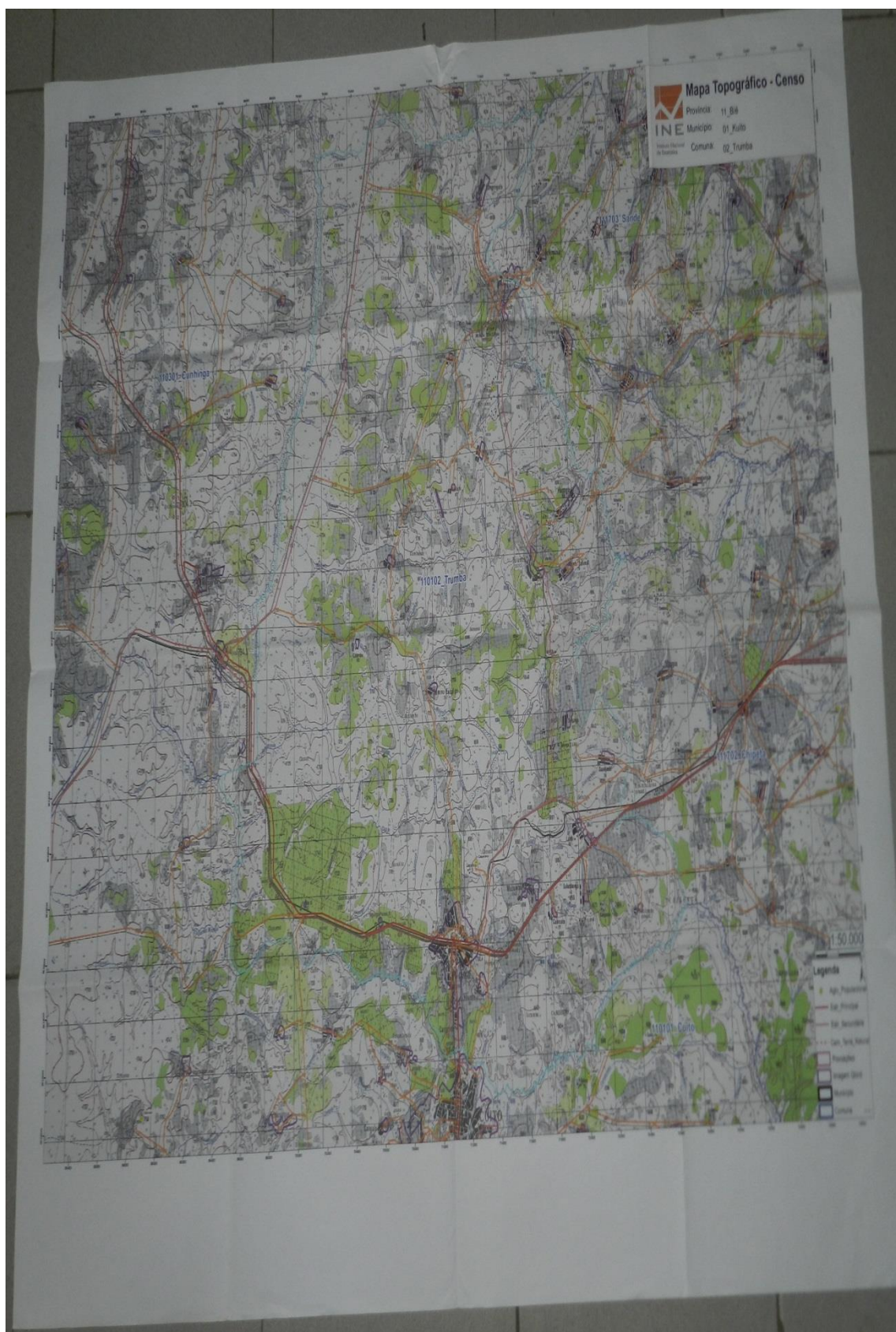
Legenda
 - Rta. Principal
 - Rta. Provincial
 - Rta. Local
 - Rta. Terc. Nivel
 - Puentes
 - Línea de Fierro
 - Ferrocarril
 - Canal

1:60,000

Anexo 3: Mapa da Comuna do Cuito



Anexo 4: Mapa da Comuna de Trumba



Anexo 5: Mapa da Comuna de Chicala 1



Anexo 6: Mapa da Comuna de Chicala 2



REPUBLICA POPULAR DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA DEFESA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA DE ANGOLA

1:100 000

234 035 236
256 257 260
282 283 284

CONVENÇÕES
SÍMBOLOS

LUANDA
HUAMBO

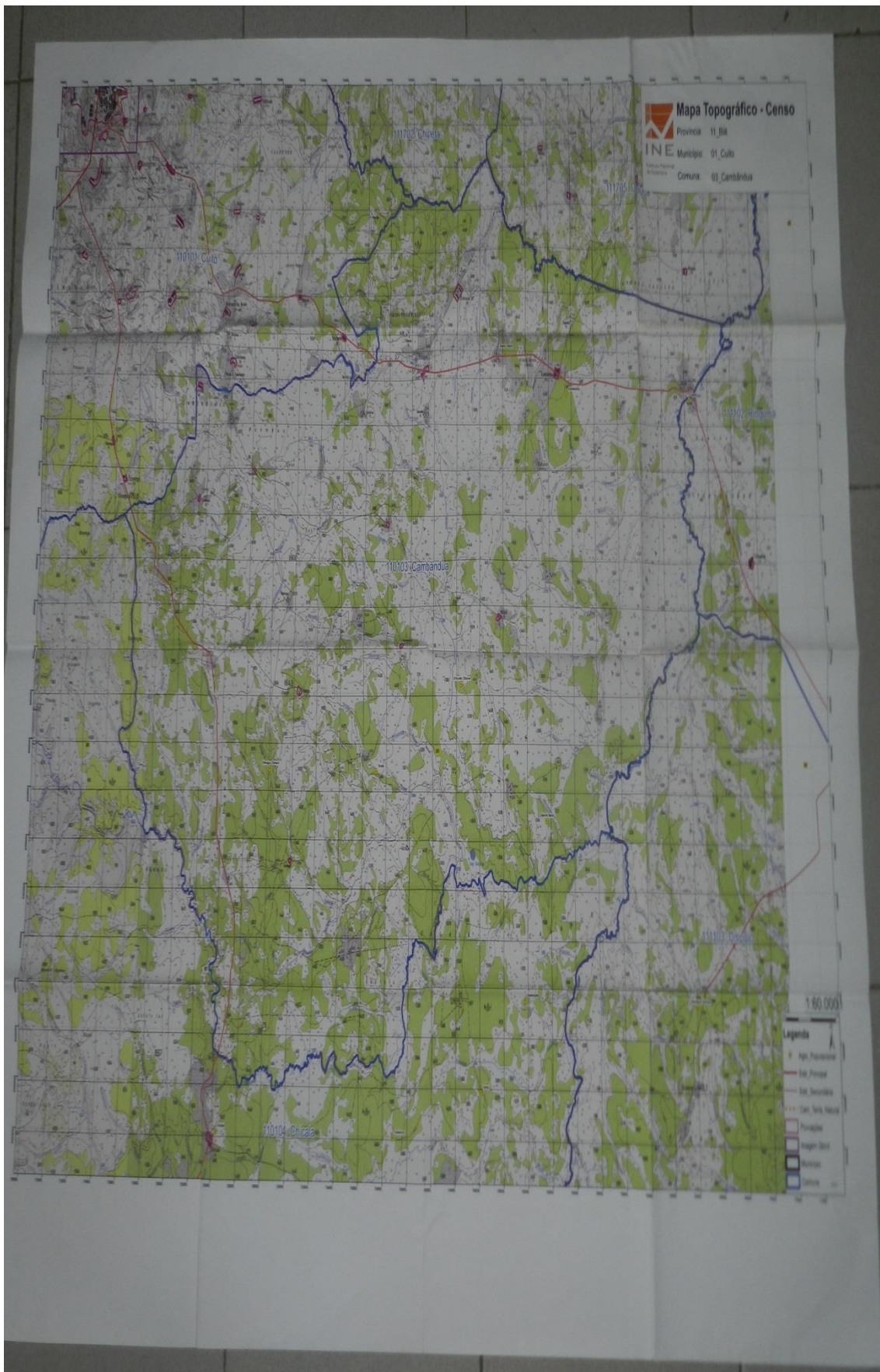
1:100 000

234 035 236
256 257 260
282 283 284

CONVENÇÕES
SÍMBOLOS

LUANDA
HUAMBO

Anexo 8: Mapa da Comuna de Cambândua



Anexo 9: Letreiro



Anexo 10: Letreiro



Anexo 11: Letreiro



Anexo 12: Letreiro



Anexo 13: Publicidade



Anexo 13: Letreiro



Anexo 14: Letreiro



Anexo 15: Letreiro



Anexo 16: Letreiro



Anexo 17: Letreiro

